

Salomão Rovedo

O Sonhador

(contos)



Rio de Janeiro
2006

- 1 Mortos não deixam gorgeta, pg. 3
- 2 O enterro de Elias, pg. 9
- 3 A respeito de Liza, pg. 12
- 4 Sem Ester, pg. 15
- 5 O mundo é pequeno, pg. 21
- 6 O Rei capturado, pg. 38
- 7 O sonhador, pg. 44
- 8 Quem pode saber? , pg. 50
- 9 Carlo Portinho, cantor, pg. 52

*Para meu amigo Waldir,
que nunca parou de sonhar*

MORTOS NÃO DEIXAM GORJETA

“Os segredos também são gente: nascem, vivem e morrem”, disse Armando encerrando uma conversa a que foi chamado. Diariamente às 11 horas da manhã ele chegava de braços dados com dona Yzolina, se despediam com uma troca de beijos, ela seguia por mais um quarteirão até a igreja de N. S. Aparecida, Armando ficava parado mais um momento olhando a mulher se afastar, atravessar o sinal de pedestre do cruzamento, subir a escadaria, até sumir lá dentro da igreja – e só então ele entrava no bar.

Por duas razões coisas Armando conquistou a deferência se ser recebido sempre por Zezinho, gerente e filho do dono da casa. Primeiro porque conheceu seu pai – com quem ficava horas e horas conversando – que retornou a Trás-os-Montes após anos e anos de trabalho ali, quando o restaurante ainda se chamava *Adega dos Solitários*. Segundo porque só bebia um tipo de cerveja, a preta de alta fermentação, em fase de desaparecimento, que Zezinho, por tradição herdada do pai, comprava especialmente por causa daquele consumidor. Ainda existe gente assim...

Armando sentava-se, desdobrava o jornal para ler enquanto esperava ser servido da cerveja preferida, em tulipa que exigia gelada. Servia-se deixando pelo menos dois dedos de espuma, olhava o borbulhar através da cevada queimada e enfim bebia. Em média consumia uma ou duas garrafas da cerveja preta, dependendo da disposição física... e do calor lá fora. Bebericava a cerveja com prazer e só desviava a atenção do jornal para cumprimentar um, receber abraço de outro, um bom dia, outro até logo. O Bar e Restaurante Ponte da Barca – nome novo que ganhou após a reforma – era normalmente freqüentado por gente por demais conhecida, do bairro, portanto não havia ninguém que desrespeitasse aquele ritual extremamente particular.

Ele de jeito e feições era simples, parecia estar sempre sorrindo, o que leva todos se aproximar com muita facilidade, certos de serem bem recebidos. Chegavam também a sorrir, como se fosse um cartão de apresentação: parecia pecado chegar até Armando de cara amarrada. Quando se resolvia era de receber bem, largar o jornal, de dar toda atenção a quem se chegava. Outras vezes o jornal caía-lhe ao colo grudado à mão – Armando tinha alguns rasgos de cochilo. De qualquer forma, não obstante a idade que o separava da maioria dos freqüentadores, foi assim que se fez benquisto, era alguém da turma. Quando se dispunha a sair o sinal era deixar uma nota de um real sobre a mesa como gorjeta: logo vinha a conta

De dona Yzolina se dizia erroneamente que era carola devota por demais. Longe disso. Casaram-se sabendo que Armando era ateu e nem por isso deixou de freqüentar a igreja, as atividades sociais promovidas pela paróquia, de acender para os espíritos velinhas num pires com água todas as segundas-feiras. E mais: nas raras ocasiões que ela era convidada a participar de atividade que exigisse a presença do casal, lá ia Armando de braços dados, comportado, molhando os beijos de saudade da cervejinha preta cujo sabor só

iria degustar algumas horas depois. De passagem pelo bar dava uma olhada de soslaio, imperceptível.

Para Armando, freqüentar a igreja era um sofrimento moral. Ver as pessoas piedosamente devotadas, absortas numa oração na qual tinham fé de resolver algum problema, era apenas um dos motivos pelos quais renegava a religião. É verdade que tinham esperança, mas quantas não foram desperdiçadas caminhando entre o desespero, a fé e a desilusão? A relação religiosa com a mulher passava por tais conversas íntimas, mas nunca Armando pensou ou mesmo sugeriu que ela abandonasse a devoção. Quando muito é certo que um e outro imaginasse trazer a ovelha desgarrada para seu rebanho. Se não conseguiam, porém, não era motivo para revoluções.

– Yzolina – dizia ele sem elevar a voz – contadas todas as horas de agonia que aquela gente de fé esbalda nas igrejas e altares, quantos milênios se somam? Quanto tempo e energia perdem ali, quando deveriam estar economizando forças para enfrentar as dificuldades, tanto as naturais quanto as que os governos impõem? A fé é ilusória como um feitiço, fé enganadora como a alegoria do carnaval.

– No entanto – Yzolina não deixava por menos – justamente por isso, quem é capaz de nos convencer do contrário? Onde estão as provas de que a fé é vazia assim como você diz? Por outro lado, são inúmeras as fórmulas de felicidade, milhares as respostas positivas. Livros e mais livros de testemunho histórico, santos e mais santos se fazem pelos milagres antes mesmo de serem canonizados. Graças são alcançadas a cada minuto. Para você não tem explicação, mas para quem tem fé o milagre é uma fotografia.

Bem que ele lutava por conseguir espaço, mas enfim entregava os pontos. Contra aquela cabeça, já santificada pelo tempo, nada podia. Na realidade o ateísmo de Armando nada tinha de político ou filosófico, por mais que se esforçava por mantê-lo nesse nível. Para alguns nem era ateu e sim agnóstico, desses que preferem não se meter na vida de Deus nem contestar-lhe a onipresença e eternidade. Achava simplesmente que a vida começava e acabava aqui mesmo e com esse pensamento simplista buscava viver uma vida pacata, sem apoiar maldades, contrária às guerras e revoluções, mesmo que estas se limitassem ao bairro em que morava ou na vizinhança suburbana que optara por levar a vida. Por essa e por outras com certo orgulho dona Yzolina sentenciava às amigas:

– Ele diz que é ateu, mas conheço bem esse tipo de ateu que carrega na alma e no coração toneladas de bondade cristã. É um santo e não sabe! Um dia uma chama se acende e finalmente entrega a alma a Cristo. É ter paciência...

Então era assim mesmo. Como que para corroborar o que ela dizia, o *falso ateu* Armando quando tinha de ir à igreja comportava-se exemplarmente. Não se via nele nenhum cenho franzido, não faltava aos presentes um sorriso, nem um abraço ou uma palavra ainda que fosse das mais curtas. Cumprimentava todos aqueles que a mulher apresentava, alguns já conhecidos

de outras ocasiões, quando reconhecia algum parceiro de bar esvaziando a despensa da alma de alguns pecadinhos. No íntimo divertia-se com a liturgia, pensando filosoficamente o quanto os homens eram ingênuos em acreditar em fatos tão irreais quanto fadas e gnomos de floresta. Fora isso, apreciava a arte sacra: os vitrais cuja mágica iluminação provocava efeitos impressionantes, quando varados pelos raios do sol da manhã; as pinturas imitando quadros renascentistas; as imagens de gesso tipo barroco; o canto gregoriano.

Mas esse era um momento raro. A sua igreja era a mesa do bar, onde ele se sentava e tinha prazer de estar sozinho. Pela popularidade, porém, em seu redor nenhum espaço ficava vazio por muito tempo. Tinha sempre alguém querendo saber alguma coisa, tirar uma dúvida, esclarecer quem tinha razão numa discussão. E lá ia Armando deslindar a história de modo tal que havia de dar razão a um sem tirar a do outro: por instinto era de agir diplomaticamente. Não tendo o pecado daqueles que matam e morrem por uma opinião, propagava, principalmente nos mais jovens, que estimulasse entre si a dissensão, a dúvida, o contraste, a rebeldia. Para dar ênfase, repetia a frase de Néelson Rodrigues: “*Toda unanimidade é burra.*”

Quando concluía uma questão jamais chamava para si o mérito, preferia creditá-lo a outrem mais famoso e assim costumava encerrar as discussões, o conselho ou o que quer que fosse fazendo uma citação qualquer tirada sabe-se lá de onde. Se o debate perdia o rumo e saía do senso, taí uma coisa que o deixava aborrecido a ponto de estragar o dia. Interviu imediatamente: – *Êpa! Calma, calma. Na minha mesa não.* Encerrava de imediato o entreviro lançando o ditado que aprendeu dos pais: – *Não brigam dois quando um não quer. E se dois não querem não briga nenhum.* Assim mantinha o respeito, delimitava as fronteiras da intimidade. Talvez se devesse a coisas assim o fato de ser conceituado até pelos que dele discordavam.

Lá pelas tantas, que podia ser duas ou três horas mais tardar, dependendo das atividades de dona Yzolina, que não se limitava a assistir à missa, mas também participar das reuniões comunitárias, Armando pagava a conta, levantava e se dirigia à porta onde, por questão de segundos, como se tivessem ensaiado a cena durante muitos anos, receberia de novo a esposa no braço e seguia para casa. Era um movimento tão cronometrado que ninguém reparava quando acontecia. Somente então os últimos freqüentadores do bar acostumariam seus olhares com o lugar vazio, a nota de um real deixada à mesa.

Das coisas que ninguém sabia eram as particularidades da vida de Armando. Homem de uma só namorada, uma noiva única, um só casamento, o casal não tinha filhos. Que era aposentado todos sabiam, mas a verdade guardada a quatro chaves é que Armando era realmente reformado e não aposentado. A existência na caserna foi apartada da sua vida exatamente no dia em que saiu a publicação de que estava reformado como coronel pára-quedista. Iria para a reserva com patente de general se não tivesse se manifestado abertamente contra a quartelada de 1º de abril de 1964. Por isso, quando se mudou da casa da Vila Militar para um apartamento no Cachambi, Armando trouxe diplomas e medalhas, mas lá deixou a farda e a memória.

A única lembrança, da qual não se conseguia apartar, era um pé de movimentos tolhidos, resultado de uma fratura num salto em que o pára-quedas se enroscou e ele teve de recorrer ao reserva. O demais morreu enterrado numa pasta que guardava recortes de jornais, revistas, fotografias que contavam aquele fato desde o dia em que foi para os Estados Unidos participando da Segunda turma de voluntários para apreender os mistérios do pára-quedismo mais moderno e trazê-los para o Brasil. Na volta seria já oficial pára-quedista e ministraria cursos para formar o primeiro batalhão de pára-quedistas do exército brasileiro.

Fora isso não tinha segredos e primava em fazer da aposentadoria um prazeroso pôr de sol. Além das obrigações normais que lhe eram impostas por Yzolina, somente outro motivo era capaz de interromper o estado luminoso que Armando encontrava diante da tulipa de cerveja preta: era quando algum jovem vinha tirar uma dúvida insanável, um ponto de discussão. Ali estava em seu elemento. De caladão tornava-se falador, sem alterar a voz. Como o sabiam leitor de vastos conhecimentos, julgavam que ninguém além do Armando poderia encontrar a solução, a busca resultante de um problema histórico cujas raízes somente o saber multifacético de que era possuído poderia estilingar. Não aceitava, porém, discutir política nem religião:

– Imagine este governo. Quem mais poderia governar sabiamente do que um sociólogo poliglota, pós-graduado na Sorbonne e em Yale? Mas, para decepção da intelectualidade contemporânea, a mesma que com ele foi exilada, que se sentou nos mesmos bancos e defendiam as mesmas idéias, não, à primeira citação de uma obra sua declarou peremptoriamente: “*Esqueçam o que escrevi. Esqueçam o que falei...*” E ao se comprometer a levar o país à *modernidade*, danou-se a vender todo o patrimônio nacional cujo lucro era parte do orçamento do país. Depois de dois mandatos tem a coragem de vir a público dizer que *o governo não fabrica dinheiro, o governo vive de imposto*. E tome a sobrecarregar a população mais carente – porque só pobre paga imposto – com taxas e mais taxas, impostos e mais impostos. Arre! Por isso não me fale em política nem em religião.

Tinha mais prazer de enveredar pelos caminhos da história e buscar atender os clamores de conhecimento da juventude. Nessas ocasiões nem mesmo a presença imponente de dona Yzolina – e ela sabia disso – era suficientemente poderosa para interromper a seqüência de pensamentos que caminhavam no rumo da solução da ciência que lhe havia sido proposta, minimizadas todas as dificuldades, desmistificados todos os senões, até que finalmente não sobrassem nenhuma dúvida. Ou assim ou dizia logo que desconhecia a matéria – *Pé de jaca não dá maçã*, decretava – *isso não sei e ponto final*. Os rapazes, é claro, gostavam dessas alterações entre um copo de cerveja e outro, mas algumas vezes achavam Armando muito do passado e riam dissimuladamente quando os rasgos e a euforia tomavam conta da discussão, levando o tema a idades que nenhum deles conhecia.

– De religião, como disse, também não falo, nada. Vocês são conscientes e não podem deixar de perceber a história: durante todo o governo

militar que assolou nosso país por mais de uma geração a Igreja se omitiu totalmente. O nosso último Arcebispo, já colocado aqui sob pressão dos militares junto à cúria romana – o direito de ser indicado seria de dom Hélder Câmara – além de calar-se ante a prisão ilegal de vários opositores (prisão, em seguida tortura e morte), abandonou de vez os pobres e marginalizados. As favelas multiplicaram-se, a distância entre ricos e miseráveis aumentou. Enfim, calou-se também ao apoiar a eleição e reeleição de um presidente declaradamente ateu. Não que eu tenha nada contra esse fato, mas ele, sim, por dogma é obrigado a opor-se. Mas sobre religião não falo e pronto.

Desse casamento, assim ao mesmo tempo unido e separado dogmaticamente, formava de dona Yzolina e Armando um par simples, harmonioso, dedicado às causas comuns, por isso mesmo eram queridos e admirados, muitas vezes consultados para ajudar a resolver querelas domésticas, que incluíam desde desavença de casal até problemas de filhos envolvidos com bandidagem, consumo de drogas, dificuldade financeira, tudo enfim. Absorvidos por essas questões cotidianas se deixavam levar pelo ânimo, pela disposição incontrolável de chegar a uma solução para todos os problemas que fossem trazidos. Nada deixavam sem resolver, nenhuma pergunta sem resposta: os raros casos de abandono aconteceram por absoluta impossibilidade de avançar num terreno onde somente a própria pessoa pode e deve caminhar, sem a respeitosa interferência de quem quer que seja.

Seja como for, o fato é que estranharam a ausência de Armando por quase uma semana. Algo havia acontecido e procuraram saber. Antes que descobrissem, num Domingo desses lá chegou Armando à porta do bar. Chegou só. Antes de entrar parou um momento e ficou olhando a calçada vazia, como se visse a mulher se afastar, parar no sinal de pedestre, atravessar o cruzamento, subir as escadas e desaparecer no interior da igreja. Depois dessa pausa misteriosa, quando então ele resolveu entrar no bar e sentar-se, todos adivinharam o que tinha acontecido: Armando agora estava só, perdeu o braço de apoio.

Ninguém falou disso, é hora em que a notícia tem de chegar sozinha, com o tempo certo, pausadamente, mas quem o via ali sentado tomando cerveja preta com o ar absorto, não duvidaria do que se passou. Fora isso, Armando manteve a rotina, chegar, sentar ler o jornal e conversar com todos. Retomou o charuto que lhe foi proibido por Yzolina nos tempos de namoro, agora se demorava mais, passou para quatro cervejas, almoçava frugalmente e só saía quando o bar fechava as portas. Um novo ritual criou-se: aqueles que ele costumava deixar ali ainda em conversa animada agora saíam antes dele. Muitos se despediam outros só acenavam, algum que tinha bebido um pouco demais ousava sentar-se e contar alguma mágoa. A mesa solitária, que habitualmente se esvaziava primeiro, agora era a última a ser desocupada. A cédula de um real debaixo da tulipa.

E foi assim. Neste último dia de domingo todos acabaram as discussões de fim de semana, contaram as últimas piadas e comemoraram as decisões que o governo sempre toma a favor dos mais ricos com um copo de cerveja. Não deixaram de cumprir o ritual de ir a Armando fazer uma ou duas

perguntas, tirar uma dúvida ou dar um tapinha nas costas que fosse. Ultimamente até se lembravam de trazer-lhe um charuto e houve quem, com orgulho, transferisse a ele um legítimo Havana ganho de presente. Os empregados passavam e comentavam alguma coisa, geralmente lamentos, queixas. Armando dava também uma palavrinha: “*Não é motivo para que perca a vontade de vencer. Esperança, esperança, a esperança é a meninice do mundo*”...

O garçom que o servia só para não passar o encontro em branco e para dizer alguma coisa falou das dificuldades da vida, casado com um par de filhos pequenos, difícil de sustentar, alimentos, escolas... Estranhou que Armando não sentenciasse a lamentação com uma frase bonita, mas ele pensou, só para consigo, um murmúrio interno: “*Tudo é viver, tudo é vida... e sair deste mundo o mais tarde que se puder.*”

Estava a manhã chuvosa e o restaurante sem a freqüência habitual, pequeno de gente, sem o burburinho comum. Nesse dia Armando ainda chegou a pedir a terceira cerveja preta. Servida, ficou ali a tulipa de repouso, esquentando, perdendo a espuma, o charuto deitado no cinzeiro soltando a fumaça azul no rumo do teto.

De repente Armando sentiu umas flutuações estranhas no peito e desentranhou aquele silêncio que se fez repentino sem nenhum gesto. *Será que todos já se foram?* – perguntou para si mesmo. Ainda recordou a frase que não disse: “*... viver a vida e sair deste mundo o mais tarde que puder.*” Lamentou que Yzolina estivesse demorando tanto. Sentiu um sono cansado, fechou os olhos, arriou a cabeça. Os garçons limpavam os pratos, secavam as tulipas, outros colocavam as cadeiras sobre as mesas para limpar o chão.

O ENTERRO DE ELIAS

Deu-se no enterro de Elias aquilo que se costuma chamar de o imponderável. Apesar de trabalhar durante anos numa fábrica de cimento, em que existiam todos os equipamentos mais modernos, Elias sempre gostou de coisas do interior, costume que trouxe de herança dos pais, pacatos moradores de Penedo, onde nasceram, se criaram, casaram e tiveram este filho único, varão.

Depois de trabalhar quarenta anos na única fábrica da região, Elias se aposentou e foi morar sozinho na casa que os pais deixaram. Casou, é bem verdade, morou no Rio de Janeiro, é verdade, criou três filhas, também verdade, mas quando o casamento chegou naquele ponto em que as associações emperram, juntou os livros, discos, os recortes de jornais, números especiais de revistas, fotografias amarelas e propôs a única coisa sabidamente inútil para os demais: Vou para Penedo, alguém me acompanha?

Deu graças a Deus ter acertado pelo menos uma vez na vida: ninguém topou. Bom, pelo menos vão todos me visitar de vez em quando. Depois de ouvir vários pedidos para reconsiderar, pediu à filha mais velha que o levasse até à rodoviária. Arrumou as malas, beijou as filhas, a mulher e se mandou, com o único testamento: quando eu morrer quero ser enterrado lá no quintal da casa, debaixo do tamarindeiro.

Era conversa as correntes lembranças que Elias tinha daquele quintal, do pé de tamarindo. Não só dos tempos de menino, mas de adolescente e adulto. Ali namorei a sua mãe a primeira vez. E quantas e quantas outras também, pensava a mulher. Fiz muitos refrescos de tamarindo, mamãe fazia doce, mas era fruta também para uma batidinha gostosa, que abriu o apetite e as amizades de muita gente.

Em Penedo Elias arrumou uma empregada, Madalena, que servia também de secretária, empresária e *marchant* para a nova profissão que tinha escolhido: pintor. Em pouco tempo não a tratava mais como empregada, mas como amiga, confidente, companheira, mas nunca se casaram. Quanto aos parentes que ficaram no Rio de Janeiro, só se tornaram a ver nas visitas esporádicas, nos casamentos, nos enterros, eventos, enfim, que se tornam o único elo a balizar a existência de muitas pessoas.

Um dia Elias morreu (não tenham dúvida que isso há de ocorrer a todos nós). A família recebeu a notícia através de Madalena em pranto. Lá vão todos para Penedo enterrá-lo, apesar de já terem esquecido daquela determinação boba, que exigia ser enterrado sob o pé de tamarindo. Ele deixou até o lugar marcado, disse Madalena. E de fato lá estava enterrada a estaca com a ponta pintada de vermelho indicando-o. Na sala, ao contrário do ateliê de pintura entulhado de telas, havia um só quadro. Era o enorme tamarindeiro, de cujos galhos pendiam centenas de bagas verdes e marrons.

Quando os amigos e parentes chegaram o corpo de Elias tinha já tramitado por toda a penosa burocracia que envolve os cadáveres, ou seja, estava habilitado a ser enterrado. Madalena providenciou para que a cerimônia fosse breve e quanto o padre fazia as encomendas de praxe, a famosa soprano Adelaine Marinetti cantou uma ária triste, despedida de amiga. As filhas não notaram o olhar da esposa, idêntico ao de Madalena, não propriamente de agradecimento à cantora. Mas aceitaram sem outras reações e todos se dirigiram para o quintal onde estava imponente o tamarindeiro, esperando o seu dileto amigo.

Madalena indicou o ponto exato onde os homens deveriam cavar e aguardaram o trabalho fazendo orações, ouvindo algumas palavras de amigos, elogios, vozes de saudade que centenas de amigos queriam pronunciar, tomados de emoção. Era afinal Elias pessoa querida, não só no Rio de Janeiro, onde expunha seus quadros, mas principalmente na pequena Penedo, de onde era natural.

Em certo momento, porém, um dos operários chamou Madalena. De repente surgiu o problema: bem no local onde havia de ser enterrado o corpo, o tamarindeiro esticava sua poderosa e profunda raiz. Deu-se o jeito de cavar em volta da raiz, a única solução e lá se vai mais que os palmos necessários para enterrar o defunto. Muitos já se impacientavam, outros voltaram à casa para descansar, tanto da cerimônia quanto da viagem e todos esperavam retornar para o Rio de Janeiro no mesmo dia.

Tudo pronto, o padre aspergiu algumas palavras de encomenda, junto com gotas de água benta. Ramos de flores e pétalas eram lenços de aceno para Elias, cujo caixão finalmente encaminhava-se para a cova. Só que, em lá chegando, mais um problema: não dava para o caixão passar, posto que a raiz teimosa encravasse os tentáculos-varizes no caminho, como se o tamarindeiro não quisesse receber o seu estimado amigo, filho e companheiro. Se cortar essa raiz a árvore certamente morrerá, disse o coveiro.

"Não tem jeito!" Diziam os operários que faziam às vezes de coveiros. Inventaram todas as posições, puxa daqui, empurra dali, mas caixão não faz curva nem entorta, daí que não passava. A impaciência aumentava entre os presentes, alguns já se despediam, infelizmente não poderiam mais ficar. A tarde caía. Até que surgiu a idéia: corta! Como? Corta, sim, tirando esta pontinha, meio metro apenas, dá para passar e pronto, tá resolvido. Todos concordaram.

Mas, cortar o cadáver? Não idiotas! (o grito *Não idiotas!* não saiu, mas foi pensado): tira o Elias do caixão por um momento, corta esta parte, coloca o caixão lá dentro e depois vai o finado em seguida, sem problema. Ninguém teve coragem para protestar, todos na verdade queriam livrar-se logo daquele compromisso, exceto Madalena e o padre, que soltou um resmungo condenatório. A cantora lírica já se fora de volta para o Rio de Janeiro, depois de um beijo dramático. Compromissos. Não assistiu ao formidável enterro.

Cortaram o caixão um bom pedaço, na verdade ia quase até à metade, colocaram na cova. Sem a tampa? (Claro idiotas!). Lá embaixo arrumaram as duas partes, nem parecia que tinha sido serrado, pegaram o Elias, finalmente, com os cuidados necessários, mas o padre contrariado nem quis ver.

O corpo de Elias já havia adquirido, como se diz, o estado de rigidez cadavérica e foi difícil acomodar todo 1,80m e 90 kg. Sob a raiz, visto que curva mesmo não haveria de fazer. Chega pra lá, apruma pra cá, entorna o pescoço, dobra os sapatos, enfim, com rezas e arrumações foram depositando o cadáver a jeito, bem debaixo da raiz imensa. Desse jeito, diziam os coveiros, o belo pé de tamarindo jamais perderia o viço.

A platéia naturalmente diminuiu enquanto os coveiros se arranjavam para levar a missão ao fim. Viram mais uma vez o Elias mudado de posição, cabeça para lá, pés para cá, finalmente, poucos e depois ninguém mais viu como meteram o pobre corpo por debaixo da raiz, onde ele se acomodou como se fizesse parte da planta.

Quando jogaram a última pá de terra ninguém mais estava lá para ver. Exceto Madalena, que ficou como herdeira da casa, dos quadros e do magnífico pé de tamarindo, que sobressaía naquela casa dos arredores de Penedo e está lá até hoje para quem quiser ver.

A RESPEITO DE LIZA

Se eu quiser contar a história de Liza eu conto. Se não quiser, não conto. Porque é uma história banal, bem ao jeito daquelas que nunca saem diariamente nos jornais e noticiários da TV. Faz parte da vida cotidiana, desse mistério que nos cerca na cidade grande, uma lógica que jamais daria fonte para um inventor de histórias policiais, que tira tramas misteriosas até do nada absoluto. Apesar de quê, não se trata de modo algum de uma história policial. Por isso estou aqui nessa indecisão: conto, não conto. Conto? Não conto.

Primeiro vão me dar licença para pôr um disco na vitrola. Tem um Quinteto, um Sexteto e uma Sonata de Brahms para violoncelo e piano que ganhei e preciso escutar. Lembro o tio de cabelos escassos, alvos, sempre cuidando dos velhos discos long-play, passando cera, acarinhando-os com uma flanela umedecida com vinil líquido, até que todos ficassem brilhando sem um fio de poeira. E porque ficou viúvo me deu os discos de presente. São uns LPs velhos mas, tirando aquele chiado irritante, vê-se a música lá no fundo...

Voltemos ao que pode ser uma história... Vinda de uma cidade pequena do interior, Liza sempre acompanhou com terror incontido as horríveis histórias de assassinatos de moças que, como ela, chegavam à cidade grande em busca de realizar um sonho, de ter uma vida semelhante às que se vê nas novelas de TV e no cinema. Aliás, já trouxe na bagagem os medos e temores incutidos, com muita razão, pelos parentes desde a despedida até nas cartas e bilhetes constantes. A ilusão de obter tudo com facilidade, porém, logo se desvanecia, mas a firmeza de alcançar o objetivo não. E seguir em frente, não se entregar, mandar notícias de progresso, sobreviver enfim, se transformava no objetivo maior.

Contava, porém, com a proteção das rezas e orações dos amigos e parentes. Assim, se as más notícias não apavoravam, faziam-na se armar de cuidados levados a exageros tais que aparentavam traumas. Era jovem e seguia em frente, buscando fazer mais leve uma vida que passava pelo estudo na faculdade, se diplomar na profissão dos sonhos, encontrar um trabalho que lhe traga satisfação, o progresso necessário para conquista das pequenas ambições: comprar um carro, morar sozinha num apartamento de preferência seu. E principalmente fazer novas amizades e conhecer o grande amor da sua vida.

Quantas vezes todos já viram ou ouviram coisa igual? Milhares, com certeza, mas quantas vezes isso já ocorreu bem embaixo dos seus narizes? Bom, aí já é outra coisa. Liza tinha pesadelos com gente que a convidava para grandes aventuras, passarelas, fotografias, uma ponta na TV, passeios em iates, fins de semana em ilhas douradas cheias de praias e de gente cuja fotografia saía semanalmente nas revistas de pessoas famosas. Tinha pesadelos menores com jantares em restaurantes refinados, com peças teatrais, shows de cantores que jamais imaginaria um dia assistir, concertos sinfônicos no Teatro Municipal.

Falei do chiado dos velhos discos, mas quando se ouve Brahms a música toma conta do ambiente de tal forma, que nem quando o telefone chama não vou atender. Os especialistas escreveram muitas coisas sobre os últimos Quartetos de Beethoven – sim esse mesmo Beethoven do qual algum colega (Liszt?) decretou que foi *iluminado pela surdez* – porque o silêncio isolou-o dos modismos musicais deixando-o livre para a aventura da música moderna. Pois dá pena saber que a vida não é um moto contínuo, porque quem afirmaria que o velho Beethoven não gostaria de ouvir seu compatriota Brahms e sorrir ao saber-se, enfim, compreendido?

E todo dia acordava para a realidade botando o pé no chão, de olhos bem abertos, sentindo o perfume da fumaça do ônibus, se comprimindo no vagão cheio do metrô, cumprindo as obrigações no trabalho e freqüentando a faculdade no fim da tarde. Para enfim chegar à sua casa e poder, exausta, tomar um banho e comer uma fruta antes de dormir, ela dividia a carona com dois colegas, rateavam a gasolina e outras despesas. Arrumava ainda suas coisas, preparava a aula do dia seguinte, respondia alguma carta ouvindo o rádio baixinho para não perturbar os demais, ritual que não antes da meia noite liberaria o corpo cansado para o colchão macio, para enrolar-se no lençol no qual pingava umas gotas de colônia de alfazema para sentir-se refrescada, recuperada.

No outro dia, outro dia. Bom, não exatamente no outro dia. Mas um dia qualquer Liza encontrou uma alma gêmea na faculdade. Bem, alma gêmea só que com uns anos a mais. Liza sempre imaginou que iria encontrar um rapaz da sua idade, temperamentos parecidos, mas os colegas que apareciam eram quase sempre imaturos, não querendo saber de conversa que significasse compromisso. No entanto para eles isso sim era maturidade. E sabe que de algum modo tinham razão? Pois. Só poderia aparecer algum maduro, que fazia faculdade para completar um curso que fosse do interesse da empresa da família. Sabe como é? Desses já arranjados que tiram uma porção de diploma só para fazer currículo.

Quando Beethoven sentiu que não havia mais estradas a percorrer e que ele próprio teria que abrir as picadas através do mito, quando finalmente ele gritou de si para si – *É preciso!* – e anotou a decisão para que não pudesse esquecê-la jamais, foi para sempre construída a ponte musical entre ele e Bach. Mas sabe qual é o mistério maior? Quem será que iluminou Bach, quem o picou para que pudesse estender esta música que trespassa os cosmos como roupas num varal? Depois de Bach a música se elevou do chão, mas depois de Beethoven ganhou o espaço sideral.

Enfim, foi esse tal de Jayme Bonjardim que ouviu Liza com atenção e a fez ouvir, discutir os temas que ela queria discutir – e não ficar ali numa rodinha de estudantes conversando fiado só para fazer hora. Com Jayme ela guardou o equilíbrio e adquiriu segurança para tomar decisões. Ele se transformou em sua fonte de consulta, em parâmetro para guiar suas decisões e, tirante os fins de semana, saía freqüentemente com ele para festas, encontros com amigos nos bares, coisas assim.

Enfim, num desses fins de semana em que os dois saíram juntos, chegou a hora de se separarem (para não perder o hábito, Jayme tinha que ir à Búzios com amigos e parentes), de repente ele disse:

– Por que você não vem comigo?

O mais interessante de tudo é que Liza aceitou pronta e naturalmente, mas sem demonstrar alguma surpresa. Era assim, tudo o que diziam e faziam vinha com a maior naturalidade, funcionava algum tipo de comunicação em que as coisas se sucediam sem maiores formalidades – e também sem a interferência daquele Destino sobrenatural que fadas, deuses e bruxas desenham especialmente para cada ser humano, como fato pré-determinado.

Jayme e Liza formaram o casal do verão. Para ela principalmente, foi como um milagre, porque de repente se viu tratada de modo especial, num ambiente cuja paisagem era típica de reportagens sociais, pano de fundo para enredo e estrelas de novelas, no meio de gente que só via em revistas. Praias famosas, locais que só gente muito especial tinha acesso, as praias e lagos do norte, o mar excessivamente verde e límpido da baía de Angra dos Reis, ilhas paradisíacas muito particulares com aeroporto próprio, jatinhos, iates, refeições servidas em bufês.

Nem precisa dizer que foi apenas questão de tempo e em pouco o casal estava vivendo juntos, dividindo um apartamento que não era de nenhum dos dois, mas só porque Liza cismou de não morar na casa de Jayme. De certo modo o ambiente dizia que ela tinha alguma razão: se vivessem na residência própria de Jayme a balança invisível que mede o peso do relacionamento iria pender para o lado dele. E isso ela não queria, como também não aceitava o contrário. Ambos concordaram tão rapidamente que nem chegou a ter alguma discussão. Jayme certamente estava se divertindo ao resolver morar só com ela, mas sobrava também uma sensação de liberdade que ele nunca tinha experimentado. Ali nem a sua família nem os amigos iriam chegar de surpresa entrando de supetão como faziam em sua casa. Havia necessidade de um telefonema prévio, recados na secretária, combinação antecipada, coisas assim que agora soava a ele como uma risada de independência.

Vocês devem estar pensando que Liza sumiu, desapareceu. Que Jayme Bonjardim se transformou no principal suspeito, que a família vive lançando apelos desesperados pela TV – toda essa matéria que sai nos jornais diariamente. É bastante compreensível que pensem assim, ainda mais quando se vive numa cidade como São Paulo, Nova York ou Xangai e nunca se tem tempo de ouvir Brahms... Mas, acreditem, não foi nada disso. Pelo menos até agora nada de grave ou anormal ocorreu: eles estão casados e lá se vão seis anos, sem dar mostra de que vão se separar. Quem os vê juntos, quem se relaciona com o casal, velhos e novos amigos, todos, todos acabam por se entregar à simplicidade, à alegria e muitos passam a crer absolutamente que a felicidade existe. É uma religiosidade como outra qualquer, como ouvir Beethoven, por exemplo... Ou Brahms, sabe lá!

Ora...

SEM ESTER

Quando foram apresentados, riram muito da semelhança dos nomes.

– Prazer Estélio.

– Prazer Ester.

E logo se isolaram dos demais e entraram numa conversa animada, duradoura. Algo inexplicável aconteceu, uma carga elétrica, pólos se comunicando via satélite, olhares mútuos e demorados. Estélio, de cara, se encantou com a cor dos olhos de Ester, que variavam do cinza claro ao azul de ágata, transparente como água de piscina. A palidez de heroína de romance de Eça de Queirós, o jeito de falar e deixar no ar uma frase nos lábios entreabertos foi água para matar a sede do admirador. Acrescente-se o riso constante, que se irradiava pelo rosto semeando de alegria todo o corpo e plantando um clima de eterna felicidade – tudo isso contribuiu para deixar Estélio apaixonado de vez.

Ester era dessas que a todo o momento morre de felicidade. Diante de tudo, nas conversas, nos passeios, em meio a um mero comentário, deixava-se levar por um tanto de riso e alegria. Pouco depois do primeiro encontro os dois estavam namorando. E como ambos procuravam companhia, casaram-se em seguida. Foi, sim, um gesto impensado, mas ao mesmo tempo, exigido pela força natural das coisas. O casal caminhava para a madureza da idade, ambos solteiros, de poucos amigos e parentes, tudo isso tornou fácil decidirem. Eram apenas duas pessoas que se procuravam, que tinham um encontro marcado, que fizeram cumprir o destino.

Quando Ester se mudou para o apartamento novo (que os dois decoraram dividindo escolhas e ambientes), além de roupas e objetos de uso pessoal, trouxe apenas uma dúzia de livros de temas que se dividiam em conto, romance, poesia, pensamentos e uma coleção completa de CD com as 33 sonatas de Beethoven, que jamais cansou de ouvir. Raramente comentava as músicas, mas quando o fazia (sozinha ou com o companheiro ao lado), era para expelir a emoção acumulada no peito, desenhando paisagens, intercalando, absorta, as frases dos livros com as frases musicais.

Estélio jamais na tinha se interessado por Beethoven, nunca lhe entrara pelos ouvidos uma só nota de composição clássica, mas se encantava com as observações de Ester, introduzindo-o a esse universo estranho e maravilhoso, que tornava real a paisagem imaginária de imagens, ritmos e sons.

Se for possível chamar a isso de qualidade, diga-se que Estélio jamais fez qualquer questionamento a respeito da vida passada de Ester – e a recíproca era pura verdade. Habitaram-se a reger a convivência mais com gestos e sinais do que com fala, que acabam na vida real se transformando em mote de peça teatral e, por isso mesmo, foge à verdade acabando por complicar qualquer relacionamento a dois.

Ester – e Estélio logo descobriu – tinha particularidades: beijava as sobras de pão antes de jogá-las aos passarinhos, cantava canções de ninar só para si, bem baixinho, mareava os olhos nas cenas mais emocionantes das novelas – entre outros mínimos segredos que ela sabia caracterizar e guardar, quando necessário. Se fosse para fazê-los conhecidos de Estélio, logo criava uma linguagem decifrável para difundi-los. Será que é isso a que se chama felicidade?

Quem visse Ester, de compleição miúda, frágil como uma pétala flutuando, não imaginaria existir nela a vasta sensualidade que Estélio idealizou açodadamente e que depois pôde conferir. No corpo alvíssimo, delicado como uma folha de papel, as pintas de sardas e sinais ilustravam uma paisagem de sonho. Quando queria fazer amor mandava bilhetes e recadinhos feitos de gestos codificados. Primeiro mostrava enfado para tudo e ia banhar-se, sem usar xampu ou sabonete, o jato da ducha de água fria direto, forte, envolvendo-a demoradamente. Antes de se enxugar, passava uma fina camada de óleo de amêndoa e depois esfregava com a toalha o corpo todo, deixando-o levemente rosado.

Na primeira vez que isso ocorreu Estélio ficou, como é normal, absolutamente surpreso. Após arrumar-se e arrumar as coisas para a noite, encontrou o quarto com a luz acesa e Ester deitada na cama, nua, relaxada, lânguida, braços soltos sobre a colcha de cetim. As pernas, pequenas, mas bem formadas, estavam estendidas, soltas, entreabertas. Uma delas pendia lassa para fora do colchão, sem, no entanto tocar o assoalho. A respiração, ansiosa, fazia o peito ondular suavemente. Os lábios moviam-se confessando, mudos e sensuais, milhões de desejos. Os olhos, bem abertos, assumiam uma coloração mais azul, que a noite tornava profundo, mas não demonstravam nem sono, nem enfado algum.

Estélio parou absolutamente estático, demorando-se a admirar o corpo. Controlou bem o choque da surpresa, e sabiamente calou. Derreou-se ao lado dela, o corpo apoiado no cotovelo, varejando o olhar de lá para cá, perdendo-se nos detalhes, a garganta seca de espanto, o coração, as veias, o corpo latejando. Ganhou ainda muito tempo a contemplar a amada, os seios não maiores que meia laranja, o umbigo espreado, as duas gotas de mel que eram os mamilos em tamanho, cor e sabor.

Mas, claro, o que se menos espera acontece, neste caso a surpresa agradável foi ver o sexo de Ester, que era protegido por espessa floresta de pêlos negros. O triângulo púbico, rigorosamente delimitado, não deixava os cabelos se espalharem, formando um consistente emaranhado, barreira que Estélio teve de superar quando os seus lábios nervosos, após velejarem as coxas, a virilha, as pernas, o umbigo, finalmente o encontrou para beijá-lo. Depois de aspirar o perfume de amêndoa que emanava dos pêlos trançados Estélio afastou-os com extrema delicadeza para descobrir o sexo de feição miúda, os lábios pequeninos, mais vermelhos do que o rosto de Ester.

Demorou muito ali lambendo, ora beijando-o como beijava a boca, metendo a língua até onde alcançasse, ora levantando o rosto para admirar a beleza da descoberta. E demoraria o tempo todo se Ester não o puxasse, arrancando-o daquele prazer para oferecer-lhe outros mais: os lábios molhados de uma saliva avinagrada, os bicos rijos dos seios, pequenas mordidas, arranhões que sangravam, as lambidas na orelha, no pescoço, na nuca. Antes da exaustão Ester pegou o membro e pôs-se a esfregá-lo vigorosamente nos pêlos, na virilha, em todo o sexo, para só então deixá-lo escorrer bem fundo na vagina quente.

Foi assim, dessa maneira bruta que Estélio descobriu o mundo que cercava a sua amada, os gestos que sinalizavam vida, os sinais que o levavam a realizar suas aspirações, as farsas que se traduziam em ventura amorosa, o Atlas de um universo sexual inventado para fazê-los gozar juntos. Essa forma de sexualidade se tornou tão importante que todo o demais na vida comum se perderia, se não fosse realizado com a presença do outro. A lembrança primeira da mulher frágil de compleição delicada, pluma flutuante, que Estélio realizou secretamente, criou um violento contraste com aquela imagem, ardente, poderosa, viva.

Descobriu um dia como sua mulher – não demonstrando religiosidade exacerbada – falava com Deus: de manhã cedo, mal nascia o dia, Ester se dirigia à janela, voltava-se para os primeiros raios de luz, fechava os olhos concentrados e fazia uma serena oração. Quando a noite chegava, antes de recolher-se para dormir, repetia o gesto, os lábios entrechocando-se, silenciosa, calmamente, desta vez de face para o poente. Quando a mulher retornava ao leito, os olhos iluminados transmitiam a Estélio a mesma energia positiva que geralmente fluem desse entretenimento com o Universo. Era como se também ele tivesse conversado com Deus: ela orava por ambos.

Fora desse palco Ester era a mulher tímida que Estélio amou quando conheceu. Na intimidade prevaleceu a mulher nua, de semblante lasso, braços que atracavam navios, as pernas lânguidas bem formadas, o calor do ventre. Tudo isso determinou o itinerário, o destino de Estélio, de tal maneira que ele sequer se importou com o fato de que Ester não era mais virgem, nem com a voracidade com eu ela encarava o casamento, a vida a dois. Tudo se passava num ritmo alegre e veloz, moderno, aberto, corações emocionados. Ester tomou as rédeas da vida de Estélio para transformá-la num turbilhão.

É como se o destino houvesse escrito no livro da vida que existe o bem e o mau no centro dos furacões. Que era tempo de viver, célere, com vontade, sem adivinhar o futuro, nem descortinar a paisagem da próxima esquina. Um ano depois do casamento Ester descobriu que sofria de leucemia. Todos os esforços de Estélio para salvá-la foram em vão, e os tratamentos quimioterápicos só fizeram detonar aquela beleza um dia magnífica. Os olhos dela adoeceram primeiro, foram perdendo a cor azulada, se fixaram no cinza claro. Chorava só um pouquinho, as lágrimas se confundindo com as olheiras recém adquiridas.

Quando Ester se foi caiu um temporal daqueles, chuva de verão com granizo, ventos fortes e os olhos dela ficaram mais azuis. Toda vez que o tempo mudava, a cor dos olhos acompanhavam o serviço de meteorologia. Nunca erravam e naquele dia estavam azulinhos, opacos como uma falsa Turmalina. E assim que Ester foi enterrada com os olhos mais azuis de toda a Terra. Estélio se portava como se não tivesse ocorrido nada. Respondia a todos, resignado, manso, como um carneiro deitado na grama.

Com o passar do tempo, o lugar de Ester à mesa, vazio, se tornou um incômodo. Antes de sentar-se Estélio olhava para a mesa, posta com apenas um prato, fazia um gesto ameaçando reclamar. Mas nunca perguntou à empregada: – *Cadê o prato de Ester?* Nunca. E mais ainda: após tomar algumas cervejas e fumar meia dúzia de cigarros, se dava conta que Ester não viria mesmo. Aquilo lhe causava um desconforto, que o obrigava a mexer-se de um lado para outro. Ao se barbear conversava com o espelho: – *Ester não está mais entre nós...*

O bar, a igreja, os lugares onde andava, tudo estava sem forma. Sem desesperar-se Estélio ficou cara a cara com o abismo. A face murchou de repente, um milhão de rugas formou sulcos desalinados. Não havia separação entre a sombra e as trevas, a claridade e a escuridão, não havia mais de noite nem mais de dia. Como Deus, Estélio teria que recriar um mundo totalmente novo, se ainda tivesse forças. Sobre seus ombros, pendia do firmamento a imagem una e indivisível de Ester, enquanto esteio de um homem só. Quando ela foi deixou a casa sem cumeeira, a rede sem estendedouro, a mesa sem cadeiras.

Para Estélio ainda havia tarde e manhã e nada disso era bom, nada. Como uma farsa, perguntavam por ela, os outros, aqueles que não se dão conta de lugares desocupados. E assim se fez. De nada precisava para mantimento, a não ser o retorno de Ester – enquanto impossível. Era outro que não carecia dos frutos da árvore do bem e do mal. Do conhecimento, nada cabia em si, nem a sabedoria de Deus. Para fazer justiça bastava-se a si mesmo. E havendo terminado o dia, Estélio desanimou. Não sabia viver de saudade, essa neblina insistente de tudo que havia feito na vida. Ficar, enfim, é chato.

Estélio vive hoje de todas as lembranças íntimas, da felicidade de curtíssima vida, rompida violentamente, e isso o torna mais infeliz do que aqueles que já morreram. Descobrir o véu que cobre a infelicidade naqueles que se foram assim, leves, sem pecado, é importante para que ninguém negue a eles um lugar à mesa dos puros. Estélio se redimia copiando em cadernos as frases retiradas dos livros de pensamentos – dos Salmos às Lamentações de Jó – que julgava referir-se exclusivamente à sua vida. Recordações... Sob as goteiras, nas marquises, esperando a chuva diminuir, crescia escamas nas paredes. Nada mais de dias ensolarados e quentes. Uma lembrança de algum lugar mágico, perdido.

Recordações levam-no diretamente a Ester. Era ela, mais do que ninguém, quem aproveitava os dias, mesmo se o tempo estava encoberto,

chuvoso, que para todos não servia de nada. Abraçava-se a Estélio, aconchegada ternamente no ombro e dizia: “*Hoje não fazemos nada. Namoramos. Sentamos à beira da praia e olhamos o mar em silêncio*”. Era um tipo de oração, que preferia a qualquer outra coisa, uma música, uma frase, um álbum de retratos. Não gostava de escrever, como Estélio, que anotava algumas poucas frases, curtas. *Gotas de sabedoria* – escreveu no caderno – mas eram frases de pára-choque de caminhão ou de excertos da Bíblia tirados dos folhetos distribuídos nos ônibus, nas ruas.

Alma ou espírito? Por que a imagem de Ester insistia em se disfarçar sob o céu cheio de nuvens cinzentas de chuva? Sozinho no quarto, Estélio retornava àquela posição preferida, derreada, apoiada no cotovelo, o olhar ganhando um mar de imagens e detalhes, a garganta voltava a ficar seca de espanto, o coração se sacudia, as veias pululavam, o corpo inteiro desejando Ester, que via deitada na cama, totalmente nua, relaxada e lânguida, os braços alvos contrastando com a colcha de cetim negro.

Se alguém visse a cena, certamente o chamaria de louco – o quê mais? Dirigia os braços e as mãos para um imaginado corpo, para as pernas pequenas e bem torneado, os pés de dedos roliços, as coxas estendidas, entreabertas, demorando-se em locais que só sua cabeça conhecia. O detalhe primeiro da perna pendida, lassa, para fora da cama, o pé balançando, sem tocar o assoalho, retornava constante num *flashback* interminável. Tocava levemente, com as pontas dos dedos, os lábios mudos e sensuais, suspiravam milhões de desejos.

Aspirava ao hálito da boca ansiosa e deitava a cabeça no inesquecível peito, deixando-a repousada a ondular suavemente. Relembrava o detalhe dos olhos arregalados de Ester, que a noite tornava mais profundo, assumindo a coloração azul-marinho e jamais demonstravam sono ou enfado. Estélio, absolutamente fora de si, demorava-se na loucura de admirar o corpo inteiro da mulher, os seios em forma de meia laranja, os mamilos – apenas duas gotas de mel – o umbigo espreado, as coxas, as virilhas, as pernas.

Loucura que só chegava ao final quando, finalmente, arriava a boca sobre o sexo para aspirar o perfume de amêndoa que emanava e, contrito, repetia o gesto de afastar os pêlos negros emaranhados, com máxima delicadeza, para descortinar o sexo de feição miúda, os lábios vermelhos, pequeninos, afogueados como o rosto de Ester. Demoraria ali a vida toda, lambendo e beijando-o como outrora beijava a boca da amada, entremetendo língua com língua, demoraria o tempo todo se a presença de Ester – do espírito ou da alma dela – não o puxasse para a realidade, arrancando-o daquele falso prazer.

O choque o transportava de novo para a realidade. E quando as gotas de chuva principiavam a bater na cara de Estélio, como do nada surgiam os olhos muitos azuis de Ester. Não era como no álbum de velhas fotografias, outros amigos e parentes que também enrugaram os vincos da face velozmente. Não era esse tipo de recordação aquilo que ocorria. Era uma

presença constante, física, coisa assim de até se esbarrar na rua, por entre as pessoas, no ônibus, nas praças, no metrô.

Uma eternidade sem Ester, uma vida de abstinência sexual, porque nenhuma mulher teria a cor dos olhos dela, o cinza claro, o azul de ágata, transparente como água de piscina. A palidez de princesa romena, o jeito sensual de falar, os lábios entreabertos, o riso constante irradiando todo o ambiente. Nenhuma mais apareceria para ele como as Sereias apareceram para Ulisses, enfeitiçando-o com seu canto, o rosto afogueado na cama, toda nua, intimamente devassa, os braços soltos, as pernas, pequenas, mas bem formadas entreabertas sobre a colcha acetinada. Quem teria aquela respiração ansiosa, que fazia o peito ondular suavemente? Qual mulher moveria os lábios como numa reza, confessando, mudos e sensuais, milhões de desejos? Principalmente, quem confessaria aquela timidez de os olhos arregalados, bem abertos, assumindo a fome de desejo?

Estélio nem pensou que era agosto quando a poeira mordeu seu coração e cobriu de lembranças o olhar enevoado. A presença que o cheiro do perfume mais querido traz, a pele macia da camisola de seda da China, as pétalas negras deitadas sobre o púbis. Espírito ou alma, o fato é que a lembrança calorosa de Ester diminuía o enorme abismo que separa o *ontem* do *hoje*. Saudade é bom se ter em vida, como a saudade de Ester, que o vento não elimina, o caminhar sobre as mesmas pegadas ainda bem vívidas, encarnadas, em luz, mesmo quando a chuva de verão é mais forte e se anuncia através dos olhos azuis de Ester.

Assim estava escrito...

O MUNDO É PEQUENO

“O meu nome é Amor, sou o deus Amor, desconhecido dos mortais, que ao enigma preferem o peso da verdade, proibido, por minha mãe, de casar com uma mulher, mesmo a mais bela e singela.”
Maria de Santa Cruz - Alma, A Noiva.

5ª FEIRA (A SALA SILENCIOSA)

- *Você deveria era escrever sobre nós.*

Ela soltou essa frase em tom de crítica, quase gritando, condenando minha mania de escrever a respeito de tudo e todos menos sobre ela ou *sobre nós*, como ela enfatizou. Agora, lembrando aquele momento em que ela estava bem no meio da sala com a toalha enrolada no corpo molhado do banho, chorando por me ver mais uma vez arrumar a mala para partir, as lágrimas se misturando à água, a frase me veio à memória para não mais deixar. Não foi um detalhe de amor, a palavra característica, um gesto humano, não, foi aquela frase que até hoje permanece dentro de mim, uma segunda alma me martelando, enchendo o saco. Todo o quadro formado por aquele instante ficou arraigado na minha cabeça como velhas fotografias grudadas nos álbuns de cartolina. Não vejo jeito de esquecer a cena que tomou forma de palco, teatro, sem saber se aquilo era a vida real ou cinema, mera ilusão, vulto.

6ª FEIRA (O PASSADO CRESCE)

Sabe aquela história que todo escritor conta quando dá entrevista? Escritor tem a mania de dizer que está sempre *expulsando demônios* de dentro dele. Parece jogador de futebol, atleta, lutador de boxe, donos do lugar-comum. Aliás, pensando bem, não é só do escritor que detém o direito autoral dessa expressão não. Todo artista que se preza um dia confessa que a sua arte se resume em *expulsar demônios*. Pois bem senhores artistas, acho que vocês afinal têm razão. Tenho de confessar que a maldita fala dela me persegue como um demônio, por isso aqui estou tentando juntar tudo possível de ser contado para ver se o espírito dela me larga em paz. Livrar-me da história como o organismo se livra do amargor bilioso que acomete os excessos de bebedeira, vomitar, vomitar tudo.

SÁBADO (REORGANIZAÇÕES)

Sou nascido após a II Guerra Mundial e até os anos 1960 a vida foi uma adolescência sem fim. Provinciana mas ligada com o resto do mundo. Sentindo pulsar a cultura e a política, desde Getúlio Vargas – cuja morte soube na escola primária – até atravessar as eleições e as renúncias dos últimos presidentes escolhidos antes da quartelada de abril de 1964. Ouvi os últimos pronunciamentos da Rádio Nacional e a loucura que era fingir uma resistência besta diante de tanques do exército no palco do teatro montado pelo

governador Carlos Lacerda. Gente que brincava de política e de golpe de estado, mas brincava com a *nossa* vida, não com a deles, que estava socialmente garantida por várias gerações. Hoje que tudo passou se vê que nenhum deles seria absolvido num Tribunal da História. E muitos mereciam *el paredón* com que a Revolução Cubana justicou seus inimigos...

2ª FEIRA (A VIDA NÃO PÁRA)

A travessia foi um sobreviver entre a loucura e resistência. E a partir daí, perdida a ingenuidade que fazia rir tanto do bigode de Carlitos quanto do de Hitler, a dureza de ser um brasileiro comum começou a pesar sobre os ombros... Vi na TV o homem caminhar na lua, vi a revolução de Fidel Castro tocar o pé na bunda de Fulgêncio Batista, vi Che Guevara ser assassinado na Bolívia, vi John Kennedy ser fuzilado no Texas e depois seu irmão Bobby seguir pelo mesmo caminho, vi Martin Luther King ser assassinado no palanque, vi Nelson Mandela sair da prisão e ser eleito Presidente da África do Sul. Os mortos e os fracos foram caindo pelo caminho no trem da existência. Levá-los ao cemitério, sabê-los mortos – o filme.

3ª FEIRA (AO SOM DE BILLIE HOLLYDAY)

São os romances, peças e novelas de TV que freqüentam o inconsciente sem autorização nenhuma, heróis como Dom Quixote, Orlando, Macunaíma. um Forrest Gump desses qualquer que vê a vida passar diante de si e mentalmente participa de todos os acontecimentos. guerrilhas, revoluções, fome e fartura, em fulgurações indistintas de sonho e realidade, ficção e mentira, verdade e ilusão. Truque de magia que nem as partículas microscópicas do gene nem nenhum exame de DNA pode explicar. Fazer parte dessa aventura toda é que dá força à vida.

4ª FEIRA (DIANTE DA TV)

Vi testes nucleares cada vez mais loucos, as bombas cada vez mais poderosas, arsenais capazes de destruir esta terrinha várias vezes, *hippies* protestando e tentando armar a vida psicodélica, ouvi o Festival de Woodstock, vi cair o muro de Berlim, vi Jânio Quadros de porre, vi construir Brasília, ouvi Elis Regina cantar, vi os festivais da canção, a Jovem Guarda e a Guarda Vermelha, a Bossa Nova, a Tropicália, carreguei o corpo do estudante André Luiz, tomei pileques na última Lapa, li J.G. de Araújo Jorge, Jorge Amado, Gabriel Garcia Marques e O Meu Pé de Laranja Lima, de José Mauro de Vasconcellos, amei muitas mulheres, escrevi versos.

4ª FEIRA (NOTICIÁRIO)

Alguns resistiram, entre eles Teddy Kennedy e eu (só para citar duas figuras díspares), na luta insana pela sobrevivência, para não sermos mortos vivemos enchendo diariamente a cara: ele do bom e velho Bourbon e eu das cachacinhas que me trazem de Minas Gerais, ele comendo churrasco de chuleta (*steak bond*) e as mulheres de Hollywood e eu comendo torresmo e as

mulheres do Rio de Janeiro, ele rico herdeiro e eu pobre, pobre, pobre de marré, marré, marré, mercê...

5ª FEIRA (APÓS O DIA LONGO)

Não pensem que as coisas aconteceram numa ordem muito diferente do que foi narrado. Tudo foi assim mesmo caótico como caótico é ainda o mundo dirigido pelos loucos que nos governam e se vitaminam com guerras e matança, genocídio e suicídio, o Vietnã, a África, as invasões norte-americanas no Haiti, São Domingo, Panamá e outras republiquetas, as guerrilhas no Araguaia, os índios massacrados e por último o ano 2000 com as comemorações dos 500 anos do desembarque das tropas portuguesas em nosso litoral – o dia D de Lisboa. Começo a olhar esse passado trepado numa torre como livre atirador que não atira em ninguém, tendo como arma a máquina fotográfica, o cérebro, o corpo um tanto macerado, a próstata semeando caranguejos, o velho coração rateando como um motor usado, muito usado, queimando óleo 30 por causa das emoções, a última das quais deixei enrolada numa toalha de banho, no meio da sala, inexplicavelmente chorando porque tenho de partir.

6ª FEIRA (TOMANDO UM CHOPE)

- *Você deveria era escrever sobre nós.* Como última praga, feitiço ou despacho de macumba, me jogou a frase que me persegue e vive como um demônio engasgado dentro de mim, um vômito que não quer sair, bÍlis de dia de ressaca, de muita bebedeira. A frase dita um dia em tom de crítica, condenava minha mania de escrever. Como num velho filme ficou também me perseguindo a imagem dela no meio da sala com a toalha de banho enrolada no corpo e uma touca estilo africano feita para secar os cabelos como as mulheres costumam usar. Mas por que as lágrimas? O que será que ela viu entremeando os trinta anos de idade que nos separam? O que ela sente por mim que vivo chegando e saindo como cigano de acampamento? Logo eu que nunca desarrumei a mala, nunca botei a roupa no cabide, nunca comprei travesseiro? O que ela viu que o espelho não mostra além dos cabelos brancos e escassos, da barriga proeminente provocada pelo excesso de consumo de cerveja, o jeito descuidado e puído das roupas e essa mania idiota de escrever ouvindo Beethoven ou Schubert, Art Tatum ou Lucienne Boyer, Elis Regina ou Billie Holiday, para sacralizar mais ainda o oceano de letra que nos cerca? Não carecia rogar essa praga, não, porque ler e escrever sobre todas essas coisas já é castigo bastante para qualquer mortal.

SÁBADO (SEM REVOLTA)

Quando cheguei ao Rio de Janeiro era um moleque disposto a revolucionar o mundo, acabar com as injustiças, resolver todos os problemas do país. Assim foi e freqüentei o tempo nebuloso dos protestos contra o imperialismo ianque, os banqueiros internacionais, incendiando as sedes metafísicas de trustes internos e externos. Mas esse fogo que arde em todos os espíritos jovens iria mesmo apagar-se no primeiro dia em que uma espada enferrujada do batalhão de Polícia Montada – ridículo no nome, mas violento

na espécie – se abateu sobre minhas costas deixando o lanho de um canal disforme como os que aparecem nas fotografias da superfície de Marte, que tenho de carregar até hoje não sem certo orgulho. Desde então resolvi que truste nacional e internacional são irmãos, que o capitalista brasileiro não difere em canalhice dos outros, que o banqueiro é tão escroto aqui quanto na Suíça. Que afinal é quase impossível diferenciar as atuações criminosas das legais desde que a máfia da Sicília, os bicheiros de Madureira, *los hermanos* de Santa Comba, os reis da cocaína, os membros das câmaras de deputados, vereadores e o Congresso Nacional se igualaram entre si como sócios da empresa multinacional e fantasma que ninguém vê, mas que existe em cada canto sentado num banquinho ou nas poltronas do Congresso Nacional.

DOMINGO (PÉ DE CACHIMBO)

Foi num Domingo igual a este quando descobri maravilhado que poderia mesmo gastar todas as minhas energias nos braços das mulheres, nos copos de chope escuro, nas linhas e entrelinhas dos escritos poéticos e jornalísticos, na fumaça azul do charuto, no tabuleiro de xadrez, percorrer ruas suburbanas e sonhos igualitários sem compromisso algum, irresponsavelmente irresponsável. Ser campestre de meu próprio destino. Pode? Na verdade foi como relembrar os tempos de coroinha, as liturgias, os passos religiosos da Semana Santa na cidadezinha onde fui criado. Os lampadários das minhas utopias foram sendo apagados um a um pelos acontecimentos do dia a dia, o altar mergulhado na penumbra, o aroma almiscarado do incenso no ar, decorar santificadamente o auto de Natal, presépio como ribalta, cenário de bonecos, pano de folhas verdes de murta.

2ª FEIRA (O DIA MARRON)

Aos quinze anos de idade já sabia tocar órgão, acompanhar e ensaiar o coral, declamar toda a liturgia da missa em latim. E a Semana Santa era o auge, a suprema realização de todas elas. Cristo na cruz apareceu para mim pleno, grandioso, humano, muito mais próximo da nossa realidade e algumas vezes mais guerrilheiro que Mao Tse Tung e Che Guevara juntos. Foi o momento em que o Evangelho, o Diário de Sierra Maestra e o Livro Vermelho começaram a ser levados a sério fundidos mentalmente num só volume, expurgadas as sandices que todos os humanos escrevem nos tempos de alucinação – desde Moisés até hoje. Imaginei como pensavam errados aqueles sonhadores que largaram tudo, o estudo, a família, os amigos, a atividade política e, sem saber que o futuro estava em suas mãos, pegaram em armas e foram para o Araguaia brincar de guerrilheiros.

3ª FEIRA (NA EXPOSIÇÃO DE PICASSO)

Comecei a pensar o tanto de mal que Che Guevara fez por nossa geração mandando-a ao sacrifício das armas quando poderia estar caminhando para a direção nacional do país nas décadas vindouras vencendo a guerrilha não pela força, mas inteligência. Era tempo que o destino havia nos reservado para tomar as rédeas do país das mãos de Cabral – o invasor – e não sabíamos disso, simplesmente não sabíamos. Da mesma maneira –

lembrei – nos tempos remotos a.C. os rapazes largavam as cidades e a vida de pastor, comerciante ou escriba, para aventurar-se nos desertos em pregações mais revolucionárias que religiosas.

4ª FEIRA (RECITAL DE FRANCISCO MIGNONE)

E assim atravessei todos os dias dos anos 1960/1970, muito antes de imaginar que ela fosse aparecer na minha vida de forma avassaladora. Quer dizer, não foi bem assim: estou fazendo romance. Na verdade a coisa começou de mansinho, mas foi crescendo de forma violenta até atingir um volume de erupção forte para depois ir arrefecendo. Mas ninguém conseguiu se impor nem impor um ritmo de vida a respeito do qual cada um tinha suas próprias formas de elaborar. Foi como um porre que se toma para celebrar a vida. Eu ali tomei um porre de muitos meses, celebrando a vida, celebrando meus amigos vivos, celebrando os amigos que se foram, mas principalmente porque esse vulcão só mostrava que estávamos vivos.

5ª FEIRA (MEMÓRIA OU LOUCURA?)

Não, não dá para escrever sobre essas coisas. Simplesmente não dá. Não aqui neste feriado cheio de sol, agora que estou sentado diante no mar na praia da Barra da Tijuca vendo as águas descaradamente verdes que chegam a ofuscar a vista, sentado numa cadeira dentro da areia com uma lata de cerveja bem gelada e disposto a viver a vida com a intensidade de quem já atravessou a primeira metade das emoções no terreno que lhe era destinado e sobreviveu à travessia do campo minado aonde era feita a sua guerra particular. É uma dessas horas que simplesmente não dá para fazer nada senão fitar o horizonte com olhos de pescador e jogar o pensamento na curva das ondas desesperadamente verdes. Não posso fazer nada meu amigo, é a vida.

6ª FEIRA (NO AEROPORTO...)

Porque essa reflexão impede de chegar até àquela noite e naquele lugar distante ao norte onde a temperatura anual fica sempre entre 30º e 35º acomodada pela brisa fresca que assopra de noite. Eu estava sozinho num bar trocando idéias com o dono da casa, sobre assuntos que só acometem quem está mesmo só e não tem o que fazer na noite, tentando recuperar as mazelas de um tempo que passou, coisa besta já se vê. Alguns novos amigos me descobriram ali e resolveram me arrastar para uma colônia de pesca a título de visitar outros amigos deles, claro. Fui para encontrar gente que queria mesmo era ficar sozinha, mas a solidão é danada quando se vive numa cidade nem tão grande que se possa sumir de vez nem tão pequena que se possa ficar sossegado a noite tomando cerveja num bar e conversando fiado com o dono do bar. Sempre alguém surge do nada para perturbar esse silêncio.

DOMINGO (NA MISSA)

Escuta, para se escrever sobre alguma coisa ou sobre pessoas precisa saber quem são, como são, o que são. Não podemos obrigar alguém que lê a

saber das coisas que se passam internamente na cabeça do escritor. Escrever é traduzir pensamentos. Vamos organizar essa bagunça? Muito bem. Personagens: Eusa – tem 30 anos, morena, cabelos curtos, fuma, bebe, escreve, vive uma vida agitada pulando de braço em abraço, mas diz que sempre teve *relacionamentos estáveis*; Luzia, amiga e da mesma idade de Eusa, casada com Artur vive um casamento típico, feliz entre brigas constantes, algumas violentas de parte a parte, tipo *aquele casal que sempre briga mas nunca se separa*; Artur, casado com Luzia, de família medianamente bem sucedida, mas cujo brilho se dirigiu mais para os irmãos, tem algumas dificuldades de sobreviver e agora é vendedor de produtos químicos, uma das muitas profissões que já freqüentou; Marcão e Noela, Mário e Isolda, Alfredo e Márcia, grupo de casais semi-casados, namorados e afins que me tirou do bar como justificativa tentando *alegrar* minha visita à terra deles...

DOMINGO (MAIS TARDE)

Saindo daquele bar fomos – a turma formada de Marcão e Noela, Mário e Isolda, Alfredo e Márcia – ao encontro de Luzia e Artur e de lá seguimos todos para Manguezal, a colônia de pesca que referi atrás. Lá encontramos Eusa sozinha, querendo descansar não sei de quê mesmo sabendo que morava nessa *cidade nem tão grande que se possa sumir de vez nem tão pequena que se possa ficar sossegado*. Ainda mais tendo amigos que se comprazem em fazer tudo para tirar a fossa da cabeça de quem já não anda bem. Em resumo, Eusa estava era cheia de problemas de ordem sentimental. Separada recém procurou se esconder num lugar ermo isolando-se em leituras e músicas, esperando que o destino trouxesse a solução. Mas o que chegou, como se viu, foi um grupo de amigos barulhentos, com o carro cheio de bebida, carne, cigarro, música alta, para completar tudo com um churrasco de peixe e retirar todas as nuvens que pairavam sobre a cabeça dela. E eu.

5ª FEIRA (ESPAÇANDO OS DIAS)

Entre bebidas e músicas, gritarias e danças, apresentações e conversas, fomos fazendo uma amizade como quem tem algo para dizer ou complementar ao outro. Na madrugada ela me convidou para ver a pesca na praia, arrastão, cantoria de pescadores puxando a rede direto, suados, cheios de cachaça, para suportar o frio da água. Ou para nada disso... Quem sabe? Só que recusei. *Por quê?* Ela perguntou. *Porque chegando lá naquele lugar escuro e romântico vou te agarrar*, disse com ar de sátiro... Ela riu e perguntou: – *Fazer mais o quê?* – *Te carregar no colo, te deitar no solo e te fazer mulher* – respondi em tom de piada repetindo a música popular. Ela se engasgou de tanto rir. Estávamos íntimos, mas na verdade não fomos. Só que faltou água em casa e foram os homens convocados para o trabalho. Eusa sabia onde era a fonte e foi com a gente, enquanto outros carregavam água ela resolveu tomar banho. Chamou-me: *Vou banhar, algum problema?* – *Por mim nenhum*, respondi sem entender bem. Ela tirou toda a roupa e nuazinha se dirigiu para a fonte. Aí então entendi tudo mas fiquei na minha: armadilha! Chamou-me outra vez: *Vem jogar água em mim*. Fui. Tomou banho com sabonete e tudo, enxugou-se, vestiu-se. – *Bom, agora é minha vez*. Eu falei e tomei banho mas ela não veio jogar água em mim não.

6ª FEIRA (LEMBRANDO DELA)

Não dá, não dá mesmo para escrever assim, sob pressão. Nem quando estou no subúrbio na janela do apartamento de frente para os montes da Serra de Jacarepaguá vendo as nuvens da massa polar friorenta que vem do sul se enroscar com a mata que resta lá para cima depois das favelas trazendo um vento gelado e esquisito, constante, umedecendo um ou outro espaço verde remanescente da mata atlântica que se escoia entre as pedras, alimentando as veias de água que flui dos olhos d'água do topo, não simplesmente não dá. Enfim, tenta-se. A festa foi animada e seguiu até madrugada alta. O dia daqui a pouco raiava e resolvi não dormir. Todos se arrumaram num canto em sofás, cadeiras, colchonetes, os casais em camas e redes – e todos dormiram sem se preocupar com os objetos largados de lado. O rádio continuou tocando música pela madrugada adentro embalando o sonho dos corpos cansados. Eusa mantinha um aparelho de som qualquer sempre ligado, música tocando sem preconceitos, mesmo quando não tinha ninguém em casa e isso me marcou: a música sempre fez parte da vida dela.

2ª FEIRA (UÍSQUE E CHARUTO)

No outro dia de manhã a praia ainda estava deserta, um ou outro pescador arriscando-se nas águas espumantes tentava arrancar algum sustento do mar exaurido. Arriscamos, eu e Eusinha (como comecei a chamá-la quando estávamos nus por causa de seus peitos pequenos), uma caminhada pela areia e entre o manguezal conversando muito sobre nós mesmos tentando descobrir afinidades. Os pés de mangue secos formavam figuras e animais mitológicos que saíam de nossa imaginação e nos seguiam curiosos para ver aonde aquilo tudo ia chegar. A maré descia e deixava nos desvãos da praia muitas piscinas feitas com a água cristalina que não retornava ao oceano. Eusa gostava de tomar banho nessas piscinas naturais e ficamos muito tempo sentados aproveitando a água cálida, nus naturalmente, trocando beijos e carinhos mas não passamos disso, apesar dos momentos quentes que se apossam de nós quando iniciamos uma nova relação amorosa sob o signo da paixão.

2ª FEIRA (AINDA SÓ)

Quando voltamos a casa estava deserta. Era segunda-feira, todos se tinham dado rumo, cada um a seus afazeres cotidianos. Estávamos sós e sem compromissos que não fossem os de férias, portanto não nos preocupamos com nada. A casa estava à nossa disposição e assim procuramos – sempre com o rádio ligado numa música, arrumar a bagunça da noite anterior e dar feição de habitabilidade na casa de praia... Depois fomos até a vila de pescadores, circulamos entre as casas de gente conhecida dela, fomos ao pequeno comércio da região providenciar água potável e algum alimento para comer.

3ª FEIRA (DEPOIS DA MEIA-NOITE)

Mais tarde lá para o meio-dia, hora em que estávamos fazendo um lanche (desjejum e almoço conjugados), chegaram Artur e Luzia. Serviram-se do nosso almoço e ficamos conversando até a hora de voltar para o centro, onde tinham afazeres. Luzia fazia faculdade de letras, estudava dança (o que justifica o conhecimento que tinha sobre dança do ventre). Cresceu tanto na dança e ficou tão conhecida que nas horas vagas montou uma escola. Gostava mais de dança do que de letras, era apaixonada. Troquei muitas idéias com ela do pouco que sabia e, bum!, achamos nosso elo de afinidade. Não deixei de notar nela as olheiras e o rosto um pouco cansado. Pouco tempo depois ela já estava me contando os desmandos da vida de casal. Que fazer? Ouvir e falar alguma palavra, não *de consolo*, mas buscar transmitir uma visão mais adulta e impessoal desse universo. Brigas e ciúmes, eis de que são feitos os relacionamentos amorosos na terra, entre as paredes do quarto.

4ª FEIRA (COM RAIVA)

Depois não dei limite a minha censura e quantas vezes tive oportunidade todas às vezes critiquei esse pequeno mundo que se constrói a nossa volta para colher os frutos mais amargos do relacionamento que deveria ser uma existência amorosa. O que significou tê-la conhecido? A essa pergunta bem que gostaria de ter resposta, mas é impossível. Numa primeira noite conhecer alguém de maneira tão simples e depois levar essa amizade para o lado do amor não compromissado, isto é, como quem já sabe que vai acabar amanhã de manhã, espírito preparado, isto é uma coisa. As coisas porém levam tempo para acontecer e você, que estava esperando o desfecho para qualquer momento vê que tudo é muito lento, que as reações passam a ser outras, isto é outra coisa. Mas ter conhecido Eusinha foi o outro lado ignorado da convivência, como se verá...

5ª FEIRA (NO MÉDICO)

Espera aí. De repente você vê que já está ultrapassando os limites do tolerável, que tudo não era para acontecer assim, que deveria estar terminado, mas não, a estrada fica longa, o sentimento se complica, o relacionamento fica cada vez mais complexo, não, não era isso que você esperava de maneira nenhuma. Nem mesmo sei como Eusa – que afinal me parecia concordar com a face momentânea do nosso caso – não sei como mesmo ela se deixou ludibriar por algum sentimento.

5ª FEIRA (AINDA SOB PRESSÃO ALTA)

Até hoje desconheço a razão de tudo ter caminhado para um terreno desconhecido e ter-se tornado um fato descontrolado, isto é, porque Eusa sabia ser fria e levar as coisas bem rasteiras de modo a não afetar a alma da pessoa. Ou não? Ficou complicado, ficou complicado. Não era assim para acontecer, não era assim, não. E até hoje desconheço a razão de tudo ter descambado para o terreno pantanoso da paixão. Contado assim ninguém acredita, mas foi surpresa atrás de surpresa.

SÁBADO (OUVINDO BACH)

Quando eu comecei a escutar música clássica foi a mesma coisa. Eu tinha certo desinteresse quando ouvia Robert Schumann mas não sabia o porquê. Não me entrava, simplesmente não me habituava àquelas ameaças sonoras já se aproximando dos tons mais modernos. Talvez fosse porque comecei ouvindo o lado orquestral. Em particular aquela sinfonia que popularmente chamam de *Renana* (título que acho horrível), ela me soava como gritos histéricos devido à sua tonalidade alta. Enfim, revolvi um pouco minha cabeça e decidi saber o porquê dessa aversão. De princípio decidi que era por causa da tonalidade agressiva e *vertical* de suas composições. Mas – pensei – também Johannes Brahms é *muito vertical* e dele só desgosto apenas do excessivo tom maior das músicas orquestrais – bem diferente das composições para câmara e sonatas. Então por que não pensar um outro Schumann, colocá-lo na época em que ele viveu, analisá-lo junto com as pessoas de quem se cercou, todos os que admiravam seu trabalho e daí focar uma nova paisagem?

SÁBADO (OUVINDO VILLA-LOBOS)

Havia algo errado, mas tudo se dissipou quando ouvi as obras pianísticas de Schumann, as *Fantasia*s, os *Estudos Sinfônicos*, as *Variações*. Depois que ouvi esse outro lado descobri o Schumann mais próximo de Franz Liszt, seguidores, alunos dedicados diletos de Franz Schubert – apesar de que ele ainda se destaca *como uma peça diferente dos demais*. Agora minhas censuras com os compositores clássicos ficam bem mais restritas, porque sei que há o compositor sinfônico e o de câmara. E se você não gosta de um, bem se dane, corra para o outro lado... Entendi qual a importância que tem a obra de câmara e piano solo, sua intimidade e dor, apesar de tratar-se de algo meramente pessoal.

DOMINGO (SEM MISSA)

Disse que ela foi mais ou menos assim e foi. É como aquele romance que se começa ler, mas jamais se termina porque em alguma página algo nos detém inexoravelmente. Já me aconteceu muito disso e um desses marcos desgraçados é o romance *Ulisses*, de James Joyce. Aquele livro tem algo que me tira do sério, me deixa irritado e com a pressão alta... E não é por falta de determinação, porque já me obriguei a ler muita porcaria por defeito de querer saber. Mas por que com Eusa era assim? Por que com Brahms e Schumann era assim? Foi como uma música que comecei a ouvir mas sempre interrompia em determinado momento. Como um *Ulisses*, cujas páginas a ler sempre são em número definitivamente maior do que aquelas já lidas? Voltei para o Rio de Janeiro. Mas ou menos quatro meses depois já estava desesperado para voltar. Eusa me carregava de telefonemas, cartas, insinuações, coisas que eu a princípio não ousei interpretar – e confesso que até hoje toda e qualquer interpretação racional do que aconteceu falha com a realidade.

3ª FEIRA (LONGE, MAS PERTO)

De forma que a paisagem em frente do mar já começava a fazer parte das imagens que me vinham à cabeça como algo já comum em minha vida. Sentava numa mesa de bar, pedia uma cerveja ou vinho e começava a ler um livro. Era ali um estranho para todos menos para ela. Representávamos um drama, uma comédia, uma peça teatral. Para quem chegava – o restaurante dela era um local público – eu era apenas mais um consumidor. Um dia chegou um rapaz que a tratou com muito mais intimidade que qualquer outro. Apenas evitou o beijo na boca devido à minha presença, mas entrou na casa dando a impressão de quem era íntimo demais. Até a saída ficou muito próximo, sorrindo, dando abraços – eram amantes. Com uma explicação que não pedi Eusa me disse que aquele era *o namorado da juventude de quem me havia falado*. Não tirei os olhos do livro, mas a paisagem das ondas se deitando nas areias bem longe ficou mais turva. Esse foi o sinal de que os sentimentos a partir de agora seguiriam, sem remédio, o caminho inexorável da paixão, com todas as nuances irracionais.

4ª FEIRA (CHATEADO COM O SILÊNCIO)

Vale mesmo a pena falar disso? Depois desse teatro cheio de ardor, ciúme e doloroso como cena de cinema francês, achei bom procurar Artur e me inteirar mais das pessoas, para saber mesmo quem é esse estranho grupo que estava prestes a fazer amizade. Quem é Eusa? Quem é esse estranho namorado de juventude que vive onipresente e tem sempre lugar cativo para beijá-la na boca? Quem são os homens que aparecem e desaparecem misteriosamente na cama de Eusa? Não conseguir falar com Artur mas encontrei Luzia saindo da aula de dança. Foi bom porque desde o primeiro instante simpatizamos de cara e estabelecemos uma cumplicidade assim: eu porque estava fazendo novos amigos e ela porque se sentia na obrigação de preservar a todo custo a felicidade da amiga. Sabia me cortejar com palavras de estímulo no meu novo relacionamento com Eusa, dizia que nunca a vira tão feliz e agora sim ela encontraria o equilíbrio que tanto buscava, estava precisando de um homem como eu, dizendo coisas assim que conseguiam me dobrar e me fazer entender o quanto eu era importante para ela.

5ª FEIRA (THE DAY AFTER)

Essa conversa toda porém desabou quando falei na pessoa que encontrei com Eusa. Ah, a minha amiga. Mas ela fez isso? Disse sinceramente, já chateada, quase chorando. Mas não é possível. É ela não tem jeito mesmo. Que será que deu nela? Na verdade quem não entendeu nada fui eu. Luzia dizia coisas como se estivesse falando sozinha, fazia gestos e expressões, dramas, tudo aquilo só servia para complicar mais toda a minha cabeça. No final das contas a Eusa foi desenhada mais como vítima do que outra coisa. Não desanima, meu amigo – era o que Luzia me dizia. Não pensa que isso vai diminuir o amor que ela encontrou em ti. Deixa-me recolocar a cabeça dela no lugar. Alguma coisa ela colocou na conversa que Eusa passou a ser uma vítima de uma série de maltrato, espancamento, crise, tortura mental. E eu havia sido colocado no âmago do fogo como se fosse um salvador, uma tábua

de socorro para todos aqueles desastres. Não, não era assim. Sentamos num bar à beira da lagoa e fomos beber uma cerveja, comer alguma coisa. Enfim clareei a minha mente e pude constatar que estava começando um relacionamento pelo fim partindo do desastre, do furacão, das ondas selvagens, para uma calmaria que não apontava sequer no horizonte.

6ª FEIRA (CHOPE NO CENTRO)

Mas não podia desdenhar da sinceridade de Luzia – que tinha também seus desastres com Artur, ataques chegando às raias do nervoso. Essa minha luta contra a gordura – ela disse – é de quê? Você pensa que é de comer exageradamente? Vivo nas academias suando que só um cão, perdendo o peso que recupero logo no dia seguinte depois de uma discussão. Dou aulas de dança que por si já são outra ginástica. Vivo estressada, nervosa, tudo por causa de Artur que não passa de um galinha, um irresponsável, mas tem toda a confiança da minha família. Para eles todos, eu sou a errada. Não, não podia largar de lado essa confiança que Luzia me deu. Aqui, completou, os homens se pensam diferentes, acham que podem dominar a mulher da cabeça aos pés. E usam de violência para isso. A Eusa, coitada, que o diga. Meu amigo, só te peço uma coisa. Não deixe que o namoro que vocês estão começando termine como terminaram todos os outros com ela. Não deixe que a coisa degenerem em violência, principalmente não deixe nunca de gostar dela, de ampará-la, de atendê-la quando ela precisar de ti. Assim, fiquei me sentindo com responsabilidades de um salvador não sei de quê. Um dissipador de crises. Um anteparo de porradas físicas e mentais.

6ª FEIRA (OUTRA, A SANTA)

- *Você deveria era escrever sobre nós.* Entenda-se: na verdade eu estou procurando algo assim? Eu deveria estar esquecendo o desastre que ocorreu num lote de acontecimentos que envolviam inevitavelmente festa, bebida e pessoas, homens, mulheres. Nosso roteiro de saída incluía sempre as mesmas pessoas. Fizemos aquele grupo e em pouco tempo reparei nos pequenos dramas que traçava a vida daquela gente. Certo ou errado comecei a me integrar naquilo tudo. Com exceção de Alfredo e Márcia que intercalavam a presença cada um de per si, o grupo era aquele. Descobri que o problema que havia entre Marcão e Noela era o mais chato porque envolvia vícios além da bebida e cigarro. Noela esgoelava-se na magreza desde o acidente que sofreu numa churrasqueira, aquela velha coisa, jogar álcool sobre a brasa, o fogo reverteu sobre o líquido e veio atingir todo o lado direito, da face ao braço e parte da perna. Foi chato e triste. Não ficou desfigurada mas o fato deve ter deixado marca porque vivia reclamando de exclusões que não existiam, enciumava-se à toa e Marcão nada fazia para desestimular, ao contrário, vivia mesmo de galinhagem entre as mulheres e dava no que dava. Enquanto a festinha rolava Noela procurava jeito de se esgueirar com Marcão para um lugar isolado, fumar cigarro de maconha *melado* com uma pasta que chamavam de *merla* e era apenas um subproduto da cocaína. Todos os encontros, sem exceção, terminavam numa briga que seria resolvida no dia seguinte, já sem os efeitos dos tóxicos e das bebidas.

2ª FEIRA (VIAJAR DE NOVO)

Mario e Isolda mostravam um amor sem fim, parecendo o casal perfeito. Até certo ponto isso era verdade porque as brigas – na verdade raras – eram geralmente resolvidas na hora entre carinhos e beijos. Porque ele era muito brincalhão não deixava nunca a coisa degenerar nem vingar no terreno pantanoso que medeia à agressão. Mas jamais se metiam nas discussões ou brigas dos outros. Talvez porque conhecessem todo o mecanismo e soubessem de antemão o final, eram neutros até a medula. Por causa disso eu procurava sempre ficar próximo a eles me protegendo da agressividade alheia. Eusa – por sua própria natureza libertária, vivia circulando nos locais, falando com as centenas de conhecidos e conhecidas, fato ao qual me adaptei normalmente. Quando exagerávamos na bebida, aí então a coisa mudava, mudava como se diz de água para vinho.

4ª FEIRA (NO AVIÃO, DE VOLTA)

Eusa não sabia medir as coisas e pensava que a liberdade que havia conquistado (e que eu admirava), poderia acobertar o fato de que ela estava num grupo acompanhada de alguém, com um homem, um parceiro. Largava-se entre todos sem medida. De princípio tentei suportar aquilo, mas a traição veio pelos caminhos da paixão e do ciúme. No entanto evitei todas as maneiras ser grosseiro ou violento. É verdade que teve dias de exceção, noites estranhas que a bebida me *pegava* mais cedo que de costume. Numa ocasião cheguei a quebrar o vidro do carro de Eusa para retirar meus documentos e cair fora de uma confusão que ela armara. Nessa ocasião também desconfiei que estivessem pondo alguma coisa em minha bebida. Mas não consegui confirmar nada. É claro que aquilo tudo me aborreceu muito pois fui levado – não sei por quais forças – a fazer uma coisa que não era normal, que saía completamente do meu comportamento.

3ª FEIRA (SEMANA VAZIA)

De qualquer modo aprendi a agir passivamente, apenas me retirando do local, sem mais. Pois parece que aí a ofensa foi maior porque depois vinha me agredir condenando minha atitude, que não podia largá-la assim sozinha, etc. Mantive a calma e continuei com minhas retiradas estratégicas. O que podia fazer além disso? Agora o que não adianta é ficar relacionando esses casos todos que dão volta entre si como uma ciranda – melhor: girândola – soltando fogos de artifício às vezes outras vezes incendiando a paciência e a vida de todos os presentes. Aprendi a me desligar de tudo aquilo e por isso não conto mais – tudo é uma repetição do anterior. Depois achei que aquela gente só sabia viver assim, num ato sinfônico de agressão ou numa valsa de acusações, numa sonata de revolta e ciúme ou num réquiem de amor terminado. Droga, aonde fui me meter!

4ª FEIRA (OSB NO MUNICIPAL)

A que leva tudo isso? Ao muro. À parede. A um beco sem saída. A uma novela cujo fim jamais chega. Um romance que certamente vai levar a uma

continuação, que vai ter outra continuação e assim por diante. Nunca poderei dizer *chega!* e até hoje – ao escrever estas notas – a presença de Eusa tenta me confortar em telefonemas esporádicos, numa atuação incompreensível de reconhecer como se não quisesse enterrar todo o passado num cemitério, jeito de quem quer deixar as coisas mumificadas, semi-vivas. O diabo não esquece os amigos. Quando a gente está num estágio da vida em que é preciso viver aceleradamente, quando o futuro se mostra tão perto que quase esbarra nos nossos narizes, aí então é que estamos do jeito que o capeta gosta. A nossa se desenrolou como uma paisagem panorâmica e focamos a vida naquela fase em que viver é perigoso mas preciso. Foi isso o que realmente aconteceu ou o que alguma magia havia me pespegado na cara como necessidade de viver assim tão loucamente como nos tempos dos hippies, quando esperávamos que a bomba atômica caísse na cabeça a qualquer instante.

5ª FEIRA (GAROENTA, CHUVOSA)

Farelos de biscoitos, pedaços de unha roída, cutículas arrancadas a dente se espalhavam pelo teclado, caíam entre as letras. Seja lá o que for esse nervosismo era por conta de Eusa. Distante dela eu começava a ficar agitado, como que nervoso, por algum motivo desconhecido ficava estressado e até acometido de uma doença completamente inominada, desconhecida para mim, mas que o médico simplesmente caracterizou: *síndrome do pânico*. Pânico de quê, comecei a me perguntar. Eu que me achava um sujeito até *extremadamente calmo* estaria com essa doença de rico?

6ª FEIRA (GRIS NA CABEÇA...)

Mas já tinha reparado nas excrescências que começavam a me acometer. Por exemplo, quando o centro da cidade se aproximava, a caminho do escritório, eu começava a ficar mais agitado e assumir alguns *tícs*: coceiras, piscadelas descontroladas, fome exagerada. É assim que a gente vive nos centros das cidades grandes. Agitado para fazer tudo depressa, caminhando rápido, comendo que nem soldado no *front*, atendendo telefonemas no meio da rua e coisas mais ou menos assim. Só me acalmava mesmo quando sentava numa mesa para tomar um chope, fumar um charuto e ouvir alguma música vendo pessoas passando. Isso realmente me deixava tranquilo, principalmente aquela visão cinematográfica da cidade e dos bairros caminhando à minha frente. Quando se habitua a reparar nos passantes, cada qual vivendo uma viagem particular, a gente tem a impressão de estar numa sala de aula aprendendo a ver as outras pessoas e ser o espelho de todos para conseguir ver a si mesmo.

SÁBADO (DE ERIK SATIE)

Que destino se preparou dentro de mim? Um incidente me chamou de volta ao Rio de Janeiro. Era sempre assim, um vai e vem contínuo que embarçava aquele conhecimento novo. Ora espontâneo, ora involuntário, o destino me fazia flutuar entre dois mundos. O filho de Tais, uma prima distante, levou um tiro na cabeça ao retornar de uma festa de madrugada. Alguma confusão, briga de adolescentes, coisa assim que se torna sem importância

diante do fato. A bala atravessou por detrás da orelha e saiu na testa, sobre o olho, não se sabe absolutamente o que acontecerá. Nem os médicos arriscam um prognóstico. Só esperam que a juventude (tem 18 anos) e a formação atlética sejam mais fortes que a tragédia e o façam sobreviver.

SÁBADO (AINDA E DEBUSSY)

Que carma de meus antepassados carrego? Esse fato transtornou um pouco aquele momento. Afinal diante das expectativas que se apresentaram ninguém poderia fazer mais nada senão rezar, acender velas e torcer para que tudo dê certo. Mas foi demais ficar aturando os pedidos e cobranças de Taís. Toda a família se mobilizou numa reação em cadeia normal para a ocasião. É hora que ninguém nega nada mas o desgaste é irrecuperável. Graças dou à minha filha que em prejuízo a tudo, trabalho, estudo, a vida enfim, se postou diante do garoto com uma fé que atravessa todas as religiões. E só sairá de lá com o desfecho de tudo, seja qual for.

2ª FEIRA (SEMPRE TRISTE)

Uma semana depois foi a vez de o tio Agnelo bater biela. Mas pelo menos este já havia ultrapassado a casa dos oitenta anos, o que era dez mil vezes mais chato para ele. Engraçado que aos idosos não se dá o crédito da vida. Quando chega num hospital, bem, diz-se, esse já viveu muito, teve uma boa vida e agora pode morrer. Ninguém se anima a dizer: ora, com oitenta anos ele bem que poderia viver mais 20 anos tranqüilamente e não seria exagero nenhum. Outra coisa chata de quem vive muito é que viver já se torna um saco! Mal fez 80 anos e teve uma isquemia, como se esperasse só a idade para se entregar...

5ª FEIRA (ATROPELOS)

O que acontece? A vida que se leva, leva-se a fazer amizades, conhecimentos, círculo de freqüência e para quê? Os dias vão se passando e a gente vê todo esse círculo se desfazendo como um castelo de areia debaixo da água da praia. Não a vida não é justa. Longe de mim, fazer a tio Agnelo o prognóstico de *já vai tarde*, nunca! Pelo contrário, fui lá e pouco depois tava me queixando dele: – *Você não devia ter parado de tomar aquelas cachacinhas, agora o organismo tá fraco, tá pedindo um álcool e nada*. Dizia, é claro, sem que as filhas dele ouvissem senão iam me censurar. O coitado, acho que nem ouvia, não podia nem rir com aquela porra daquele tubo enfiado pelo gogó... Vai Agnelo, vai que a gente se agüenta por aqui, disse comigo mesmo. E saí.

6ª FEIRA (SEM PECADOS)

De onde herdei a bondade que atropelou o futuro? Há alguma correlação nisso? Estava diante do mar mediterrâneo que habita a todos nós. O mar da terra, dos primórdios da civilização, de onde emanam do profundo as almas e ideais dos antepassados, bárbaros, guerreiros, reis, rainhas, emigrantes e fugitivos, de todas as épocas, de todos os passados. De frente para o perigo, de cara com a paixão. De novo! Ah não, tinha dito a mim mesmo

na última paixão: me apaixonar nunca mais! É claro que faltei com a palavra e cá estou eu encalacrado de novo, com mulheres perturbando o meu sono e a existência. Que fazer se todo homem bom é covarde?

SÁBADO (VINHO NA ADEGA)

Ocorreu que o tio Agnelo não morreu. A sugestão médica direcionou para duas opções: uma é que ele fosse internado numa clínica geriátrica onde poderia ser acompanhado, a outra – que ficasse em casa onde também teria atendimento e mais a presença acomodada de familiares. Mas os *familiares* se resumiram na filha mais velha, já que todos os demais tinham suas preocupações diárias de sobrevivência e certamente não poderiam acrescentar mais essa. Assim, coube a Mariângela o cargo de cuidar do velho e na primeira crise de respiração o que ela soube fazer foi retornar ao hospital e interná-lo numa UTI.

SÁBADO (NA RUA AINDA)

Todos esses acontecimentos interromperam parcialmente a confusão mental, debitada à paixão, que havia me metido com Eusa. Aqui cabe um parêntese para falar de Mariângela. Na manhã que o tio retornou ao hospital, todos nós fomos acordados às cinco horas de uma manhã de junho. Havia sido uma noite fria, vários telefonemas se sucederam, criando uma confusão generalizada por ter-se acordado fora do horário normal. Preparei um café (todos precisam de um café ou outra bebida quente nessas horas) e fiquei na expectativa. Adeliza, a empregada, aproveitou a ocasião para afirmar ter tido uma noite premonitória avisando que alguma coisa anormal iria acontecer. “Eu sabia... Eu já sabia... Acordei à noite com uns vultos circulando pela casa. Nem foi preciso abrir os olhos, já sei que são espíritos que conhecem bem o lugar, caminham dentro da casa sem esbarrar em nada, sem acordar ninguém. Estão apenas anunciando a passagem...” Falou assim de tal maneira naturalmente como se fosse amiga íntima de todos os fantasmas do mundo. A gente simples é assim: não se assusta com coisas que nós normalmente nos arrepiamos ao ver ou conhecer. Devo confessar que uma noite dessas, vendo os tais vultos, me arrepiei de tal maneira que só assim pude compreender como os autores de novelas de terror tornam nossos pelos elétricos, como pele de porco espinho.

2ª FEIRA (UM DIA APÓS OUTRO)

Fiquei à janela esperando o sol aparecer, já o céu estava se azulando apontando para um dia agradável. No verão costumo me antecipar à saída do sol que vejo apontar desde o início lá por detrás de uma favela. No inverno, porém, ele surge mais à esquerda onde construíram um prédio novo de seis andares e dá para ver apenas a luz forte, em réstias, iluminando o quintal. A grama úmida principiava a se aquecer com o sol, uma língua fina de névoa começou a surgir escorrendo entre as poucas casas e árvores. Lembrei-me da empregada: *é o hálito da morte*, pensei, sem saber se essa imagem era real ou vinha à mente através das superstições, dos romances de Conan Doyle (algo assim como *O Cão dos Barskerville*), dos filmes de *Drácula* ou das novelas de

terror de Stephen King. Lembrei-me também de uma frase dessas existentes nos Dicionários de Pensamentos, mas de quem? “*Não há amor que sobreviva à distância.*”

3ª FEIRA (EUSINHA...)

Foi sempre sexo desde a primeira vez que nós fizemos amor, nos amamos também, muito, mas ela me disse que queria ter um filho meu. Depois, quando ela contou que era uma época que estava me amando muito – *E tu não acreditaste!* (fazia questão de me dizer com ódio) – foi a minha vez de querer fazer parte daquela emoção. Tentei dizer-lhe algo assim: Agora já tens o meu sangue correndo nas tuas veias, é sangue de meu sangue, espírito do meu espírito, pois só assim poderia transmitir que ela tinha algo de mim no ventre, algo que iria amar muito.

4ª FEIRA (SEM SAUDADE)

Tínhamos cometido todos os pecados, erros, divagações. Na verdade era um amor muito, muito irresponsável, muito mesmo, não conseguíamos arrumar nada para o dia seguinte, nem uma programação leve como ir ao cinema ou almoçar num restaurante, coisas assim banais, não, não conseguia produzir nada, era um turbilhão só sem trégua. Então a principal questão que se colocava era essa: se não se consegue anunciar um passo adiante sequer como desejar um filho? Como querer amar alguém que é só lava, fogo e ferro? Como elaborar uma existência se o dia seguinte é o dia do julgamento fatal?

5ª FEIRA (MAIS CHUVOSA)

Entre pioras e melhoras falsas tio Agnelo cumpria o seu carma. Até que um dia se deixou e largou de resistir como quem diz: *Ah, esta vida já tá chata aos oitenta anos.* E se passou. Penou ainda alguns dias entubado no Hospital Municipal, coisa de médico que luta até o fim mas desligou o aparelho que todos nós temos dentro da alma que faz o corpo sobreviver a tudo. Largou a alma do outro lado da fronteira e o corpo sob a terra. Foi para o cemitério São João Batista viver ao lado de celebridades famosas e odiosas, amadas e podres, ao lado de pequenas almas que – dizem – fazem seus milagrezinhos de dentro do túmulo. É ver para crer...

5ª FEIRA (AINDA GAROA)

Viver como o vampiro que passa o dia enclausurado num túmulo e só sai quando a noite é lua cheia, esse parecia ser o planejamento que almejávamos – eu e Eusa – para os dias de paixão. Só quando fosse lua cheia e até que alguém nos descobrisse e se determinasse a espetar uma estaca em nossos corações sangrados. Enfim, para Luzia devo a sensação de dever cumprido: nada terminou de modo agressivo, em briga, insulto, coisa assim. Foi tudo muito sereno, se esvaindo, em paz. Como deveria ser a morte. Depois, muito tempo depois, ela disse que sim, que me amava, mas que agora não sabia mais. Não, não sabia de nada, já tinha outras preocupações, outros

projetos e foi justamente nessa época que ficou preocupada com uma menstruação que nunca veio, com um teste de gravidez que deu positivo.

6ª FEIRA (CHUVA NO CEMITÉRIO)

A minha visão não sai do corpo desfigurado de Agnelo no caixão. Mas meu pensamento se volta para Eusa. Todos os mortos não morrem bonitos. Alguém dirá: – *Parece que está dormindo, não é? Tão tranqüilo!* Mas estou ligado em Eusa. Porque ela então resolveu ter um filho, apesar de não ser esse aquele filho que ela quis ter quando nos conhecemos. Esse foi outro, noutra lugar, noutra espaço, noutra tempo. Por isso, desse que ela terá, nem posso lhe dizer: – *Agora já tens o meu sangue correndo em tuas entranhas, uma alma nova e poderosa circulando em tuas veias. Agora somos sangue e carne.* Não, não pude dizer nada nem ela aceitou que eu dissesse que continuava a amá-la. Porque agora ela já não me ama mais. Provavelmente.

O REI CAPTURADO

"Bom, eu disse olhando o tabuleiro desolado, acho que acabou. "

Tinha terminado de jogar uma partida de xadrez e o meu rei estava em péssima situação, enclacrado na armadilha que o meu jovem adversário havia minuciosamente preparado. Após quase trinta lances, nos quais ele me manteve em permanente defesa e estada de alerta, o meu rei estava em cheque, não tinha para onde fugir. Quando chega nessa situação a partida acaba, dizem as regras do bom jogador que ele deve *abandonar* a partida e cumprimentar o adversário. Foi o que fiz.

"Parabéns! Parabéns, foi uma bonita combinação, tramada desde o início da partida, que eu só pude perceber agora nos últimos lances. Aí, não tinha mais jeito. Foi uma boa partida."

Estendi a mão, para cumprimentar meu adversário, mas de repente ele pegou a rainha preta, que apontava ameaçadora a minha peça de modo indefensável e capturou o meu rei! Só então apertou a minha mão, sorridente com a vitória, orgulhoso da partida.

"Apesar do que, disse a ele amavelmente, não precisava seqüestrar o meu pobre rei..."

Ele riu. Eu sorri daquela atitude, certamente tomada devido à juventude do meu adversário, já que no jogo de xadrez é proibido capturar o rei. Dizem as regras que "o rei é a única peça que não pode ser capturada". Antes de mais nada, é eticamente incapturável, se a gente pode dizer assim. Simplesmente porque é insubstituível.

Mas me lembrei que éramos - eu e meu adversário - iniciantes, aprendizes em partidas de xadrez e afinal disputávamos uma partida amistosa, em que vale quase tudo. Eu certamente permaneço eternamente iniciante, mas o garoto promete ser um jogador eficaz, competente, brigador. Certamente seria um vencedor, iria evoluir mais ainda agora que tomava aulas com um mestre nacional, campeão de várias categorias. Será um mestre.

Meu adversário abandonou a mesa, saiu da sala e eu fiquei olhando o tabuleiro, as peças dispostas na posição final, martelando a mesa com o rei deposto, pobre, capturado. A minha cabeça já tinha abandonado a partida e tateava em outra direção. Lembrei-me de quando aprendi a jogar xadrez. No começo apanhei muitas sovas e quando vencia alguma era devido à "sorte de iniciante". Nunca tive as ambições daquele jovem, ser um grande jogador, vencer torneios e campeonatos. O que eu precisava era fazer algo que substituísse o espaço que perdi, o vácuo que ficou quando, por força das circunstâncias, abandonei a universidade e a política estudantil.

Levei para o aprendizado do xadrez a mesma técnica que usava no estudo. Primeiro aprendi as regras, depois os movimentos das peças, para

absorver o espírito do jogo comecei a ler livros, colunas de jornais e revistas que tratassem dele, comprei livros que ensinavam as táticas, defesas e aberturas, reproduzi muitas partidas jogadas por grandes mestres e só então fui começar a jogar o xadrez relâmpago, que é o que faz todo iniciante. Como todos os calouros, o jogador de xadrez deve também aprender a contemporizar, ter paciência, absorver os golpes, as humilhações e crueldades que os mais experientes cometem contra os iniciantes.

Após algumas surras memoráveis, vi logo que aquele jogo não era a minha praia. Meu raciocínio não era tão rápido quanto os adversários, por mais fracos que fossem, os cinco minutos que me eram concedidos corriam na velocidade da luz, em consequência acabava a partida com inapelável e catastrófica derrota. Aí então resolvi procurar jogar torneios em que participassem jogadores de meu próprio nível. Foi o mais certo, as partidas demoravam mais horas, podia pensar à vontade, somente assim comecei a realmente gostar de xadrez.

Quando conheci o professor Moya ele estava com mais de setenta anos, tinha uma aparência tão frágil e desamparada que ninguém poderia afirmar quanto tempo lhe restava de vida – Deus me livre, que esta não era a intenção – mas todos comungavam na mesma direção: era conhecida a gravidade da doença que o acometia. Mas também era conhecido o fato dele se entregar ao mal sem reações. Por tudo isso qualquer das pessoas que o cercavam sabia que o professor Moya tinha dava esperança de sobrevivência. Foi o jogo de xadrez que ocasionou nosso primeiro contato, em seguida descobrimos outras afinidades e logo depois conversávamos sobre xadrez postal, publicações, teoria, campeonato mundial. Assim nos tornamos amigos.

A paixão pelo jogo de xadrez era no professor uma coisa bem visível, mas não sei o que o fez acreditar ter visto em mim um futuro aficionado, tão devotado quanto ele. Todo um conjunto de fatos e circunstâncias que nos uniu em princípio, foi o passo inicial para que descobríssemos muitas coisas em comum. A amizade cresceu e se esparramou a todos os níveis, inclusive pessoal.

Moya tinha os olhos miúdos, a pele vermelha e sardenta, uma expressão, como se disse, frágil. Falava baixinho, tinha educação esmerada, foi finamente educado, se via logo. O professor era natural da Catalunha (representava os interesses de famosa editora da sua terra natal) que se transformou num imigrante compulsório quando não pôde mais retornar à Espanha. Ele veio ao Brasil tratar de assunto comercial, mas a Guerra Civil tinha acabado na Espanha, o *sanguinário Franco* (como fazia questão de chamar) venceu e ele decidiu não voltar mais.

A Europa estava destroçada, lá vinha também a II Grande Guerra, muitos imigrantes europeus descendentes de judeus desembarcaram na América Latina, inclusive nomes importantes no xadrez mundial. O professor Moya tinha um currículo excelente, sem problemas, logo providenciou a papelada, fez registro nos órgãos brasileiros e espanhóis, rapidamente conseguiu licença para lecionar. Era solteiro e logo, logo, encontrou uma alma

gêmea, pois não tinha dificuldade em fazer amizade, casaram-se, mas só tiveram um filho. Essa foi a raiz de um drama que só vim a saber muito tempo depois e que vou contar para vocês.

Um dia saímos da aula tarde da noite, ficamos sem ter o que fazer. Ele me convidou para ir até seu apartamento no Catete. Vivia ele modestamente em imóvel de dois quartos, um dos quais transformado em biblioteca e escritório, sala, cozinha, essas coisas. A desarrumação era normal numa pessoa que mora só. Ali falávamos sobre filosofia, um pouquinho sobre sua vida, encerrando a curta estada com uma partida de xadrez.

Moya também jogava xadrez postal e volta e meia mostrava-me partidas em andamento, comentávamos a posição, as vantagens e desvantagens, linhas a seguir, variantes, essas coisas. Logo estava me pedindo opinião e dividíamos o risco das análises, posições furadas, lances difíceis. Afastávamos os papéis, livros largados sobre a mesa, contas a pagar, nos debruçávamos sobre o tabuleiro completamente entregues à partida, mirando em todas as direções, esmiuçando tudo. Geralmente chegávamos a uma conclusão comum, ele anotava o lance e preparava a carta-resposta.

"Não se preocupe com a desarrumação, disse Moya. Uma vez por semana Márcia, minha secretária, vem aqui arrumar. Aí eu terei novamente tempo para desarrumar tudo outra vez, completou sorrindo."

Também ri e entrei no clima de amena amizade que se anunciava. Fiquei olhando o tabuleiro sobre a mesinha de centro, as peças dispostas de modo que pareciam representar uma das muitas partidas em andamento. O professor Moya conduzia as peças pretas e não estava nada bem. Fiz esse comentário e ele me respondeu: "Esta partida estou jogando com um amigo de infância. Um sobrevivente, pintor catalão, essas gravuras e aquarelas são dele. Uma beleza! Ademais joga xadrez muito bem, como vê. Vai ser um jogo longo, demorado, duro, é um grande conhecedor de teoria. Já prevejo que terei muito o que fazer para sair da situação difícil. O score de nosso matche está 8 x 4. Para ele, claro. Espero pelo menos conseguir a igualdade."

Além das partidas postais, Moya tinha um sem número de cartas para responder, versavam sobre assuntos culturais, universitários e políticos, mas ainda achava tempo para escrever artigos para revistas de xadrez e de filosofia. Logo me dei conta que aquele quarto, ponteadado de fotografias espalhadas sobre os móveis, dividindo as paredes com gravuras e aquarelas originais, era o seu refúgio. Era um santuário muito personalizado, um espaço santificado, podia-se dizer, que exigia respeito. Coloquei-me no patamar de isenção que o local exigia, considerando que era grande honra que o professor me concedia ao franquear-me acesso ao mesmo. Por minhas mãos impuras não seria maculado, dei todo o respeito às regras impositivas: ali não se tocava em nada, nada se movia de lugar, jamais uma fotografia ouviu de mim perguntas indiscretas.

Ele percebeu a minha discrição, logo se deu conta que a minha falta de curiosidade era a resposta silenciosa que o santuário merecia. A partir de

então, tudo o que vim a saber veio espontaneamente dirigido por ele. Era um lugar mais freqüentado do que mesmo o quarto de dormir e dali ele só saía para ir ao banheiro, à cozinha comer alguma coisa e depois direto para a cama, quando o corpo cansado exigia pelo menos uma partida de xadrez de sono para se recuperar.

Enfim, nossa amizade cresceu muito, quase que diariamente nos víamos. Porém, essa constância terminou, teve fim quando Moya foi obrigado a se mudar para São Paulo para tratamento da saúde. Fiquei chateado e lamentei que uma amizade tão promissora, apesar da diferença de idade, fosse interrompida assim. Ele também não mostrou satisfação, mas apresentava o ar resignado de sempre. Fez-me prometer algumas cartas, outros tantos telefonemas e deixou-me encarregado de cuidar de suas coisas, redirecionar a correspondência até que todos os seus amigos soubesse do seu novo endereço. Praticamente todos os dias eu ia a seu apartamento, telefonava para São Paulo, conversava um bocado, tentava transmitir algum otimismo.

Um dia desses recebi um telefonema da secretária dele, Márcia. Já nos conhecíamos de encontros casuais no apartamento, quando coincidia com o dia de limpeza, ela tinha conhecimento da amizade entre mim e o professor. Contou-me que esteve em São Paulo para cuidar das coisas dele, prestar contas do seu trabalho na manutenção do apartamento. Trouxe uma carta dele para mim: o professor Moya queria que eu me inteirasse da situação do velho imóvel, pediu-me para auxiliar Márcia na limpeza do apartamento (quando eu li esta parte ela riu), pagar contas, verificar documentos, ficar ou me desfazer dos poucos objetos que tinha ficado por aqui, já que não tinha nenhuma esperança maior de voltar para o Rio de Janeiro.

Fiquei triste com essa última decisão e comentei com Márcia. Ela também estava triste e fez-me ver que o desânimo do professor só havia aumentado com o agravamento da doença. Segundo suas instruções, dadas pessoalmente à Márcia, todas as coisas que se relacionassem com o xadrez, mais o que fosse de meu interesse, seriam minhas. Afora umas três gravuras e aquarelas que me deixou expressamente, o resto, mobília, geladeira, móveis, louças, tudo o mais seria de propriedade de Márcia. Como ela não se interessava por "aqueles desenhos esquisitos", na mesma hora ela os transferiu todos para mim. Só assim posso contar hoje com o luxo de possuir algumas obras de Miró...

Claro que me ofereci para tudo o que quisesse e estivesse ao meu alcance fazer, mas Márcia me tranqüilizou, pedindo que deixasse tudo aos cuidados dela. Entendi que o pedido que Moya fazia a mim era na verdade uma deferência à nossa amizade, a obrigação era mesmo dela. O velho Moya afinal tinha deixado pouca coisa da sua vida pessoal naquele apartamento. Cartas velhas de emissários desconhecidos, planilhas de partidas de xadrez, minutas de artigos por terminar, revistas velhas escritas em catalão. Mesmo assim, tive o cuidado de destruir pouquíssima coisa, quase nada. A grande parte da papelada, livros, cartões postais, tudo o mais, cuidei de arrumar em três caixas de papelão e levar para casa, aonde faria uma garimpagem mais demorada.

O tempo passou, mantive contato com o velho Moya, mas havia um detalhe que me incomodava: me dei conta de que alguma coisa me impedia de mexer naqueles papéis. Parecia-me ser o guardião de um tesouro, que a minha obrigação era guardá-lo e defendê-lo com a própria vida, porque a qualquer momento o velho Moya, estando vivo, poderia chegar, reassumir a morada do Catete, reaver a posse de todos os documentos e tudo voltaria ao normal. Acredito que todo mundo já teve um sentimento assim, pois afinal, ele estava vivo, se mantinha presente em espírito. Junto com aqueles papéis, o velho jogo de xadrez, as planilhas de partidas inacabadas, o relógio alemão para xadrez relâmpago, sentia a presença eloqüente do professor e isso me impedia de mexer em tudo aquilo.

Márcia continuava fazendo a ponte Rio - São Paulo. Não se queixava, fazia com prazer. Um dia confessou-me que o professor praticamente a tirou da rua, quando a mãe dela faleceu. Durante muitos anos a sua mãe serviu à família do professor como arrumadeira, cozinheira, fazia de tudo um pouco. Aceitaram a presença de Márcia e em pouco tempo ela fazia parte da família. Quando a mãe dela passou mal do coração, fez todo o tratamento à custa do professor. Operou, colocou duas pontes de safena, mas pouco tempo depois veio a falecer. Ia fazer oitenta anos, o corpo cansado não podia resistir tanto.

Márcia se viu na obrigação de substituir a mãe e ficou tomando conta da casa, do professor que também enviudara e agora era um homem só e triste. Márcia aos poucos ia contando a razão daquela dedicação. Era mesmo gratidão: "O professor Moya jamais abandonou a minha mãe, pagou exames, a operação, os melhores médicos e hospitais, sempre deu o maior apoio. Depois que ela morreu o professor, que sempre teve um grande coração, me acolheu, pagou meus estudos, tratou-me como filha. Só assim pude arrumar um bom marido, temos um casal de filhos. Na verdade não preciso trabalhar. Digo a meu marido: é de meu pai que estou cuidando. Ele compreende."

No retorno de uma dessas viagens ela trouxe a notícia: o professor faleceu. Só então senti a liberdade suficiente para revolver todos os trastes, no bom sentido, que tinha trazido comigo. E foi mexendo na papelada que encontrei uma carta dirigida a mim, mas por algum motivo difícil de descobrir, nunca foi enviada. Não era uma carta de tanta importância, se não fosse um pequeno detalhe, uma referência ao seu filho, cujo destino ele jamais esclareceu. Ficou esse vácuo, um muro, que eu nunca tive coragem de ultrapassar e essa fronteira estabelecida naturalmente entre o que ocorreu e o silêncio permaneceu inviolável até a morte de Moya.

A carta referia-se a um artigo que mandei para a revista de xadrez postal do nosso clube, um artigo simples, sem maiores pretensões, mas que deve ter abalado muito as memórias do professor Moya. Reproduzo o artigo e em seguida a carta. Mais uma vez tive a ajuda de Márcia para desatar o nó e chegarmos à conclusão final, sem o que seria impossível. (Ver o artigo - revista Caissa ? - ver a carta - arquivo...)

O que aconteceu, enfim, com o professor Moya, que me veio à lembrança neste momento em que acabava a partida relâmpago, é que

também ele em algum momento da sua existência teve o rei capturado. A regra, não oficial, mas claríssima diz que "o rei é a única peça que não pode ser capturada". Simplesmente porque é insubstituível.

O rei de Moya caiu exatamente no dia 21 de outubro de 1976, data que só pôde ter provada sua exatidão porque foi escrita de próprio punho. Num dos livros que ficaram abandonados na casa da rua do Catete, estava lá, na folha de rosto, escrito à tinta azul, uma dedicatória cujas letras trêmulas bem mostravam o estado emotivo daquele momento, que por fim abalou toda a vida do mestre: "À memória do meu amado filho Eduardo Moya, a quem tudo devo, que era meu orgulho, minha luz e meu amparo, morto em 21/10/1976 aos 25 anos de idade." Seguia-se a assinatura quase ilegível, terminada num rabisco, um riachinho de risco que se perdia no ar...

Questão: pode-se coroar um peão e convertê-lo em rei? Esse fato, em certas circunstâncias, jamais levará a partida de xadrez ao mate, o que significa que nunca mais terminará...

O SONHADOR

De repente estou chorando e Anália se levanta pacientemente e vem até minha cama:

– Seu Carlos, seu Carlos...

– O que é?

– Pesadelo... acorda...

É que choro dormindo. E grito. Ela não sabe que não é pesadelo. São os sonhos que me afligem depois que iniciei o tratamento contra depressão. Na verdade uma pilulazinha cor de rosa de nada. Mas que produz o grande efeito de nos fazer temporariamente feliz.

É impressionante: fiquei desempregado, ganho quase nada, dependente muito dos outros parentes, de alguns amigos, tudo enfim que pudesse anunciar dias negros e promover suicídios, mas algumas palavras de um médico, uns comprimidos, um banho quente e tudo passa a ser secundário. Não importa a circunstância se no fim das contas fico feliz.

Não sonho pesadelos, recebo visitas. As pessoas que freqüentam ou freqüentaram a minha vida de repente saem de seus lugares e vêm me visitar. Essa confusão que eles fazem é que não consigo entender. Mortos e vivos se reúnem em torno de mim, enchem a minha sala e se põem a conversar, tantos assuntos quantos forem chamados à tona.

E quando todos partem e me sinto sozinho, a mulher de banco vem me fazer companhia. Na verdade não a vejo, vejo sua sombra abraçada a mim, sinto suas carícias e ouço as palavras que vão me acalmar. Uma vez chegada e a bagunça se torna mais compreensível.

O que mais me surpreende é que começo a ver realizadas coisas que deixei de fazer e outras tantas das quais me arrependo de não tê-las feito. E pior, o sonho – ou pesadelo – como minha filha prefere, não se limita a uma noite só, mas segue em minha reta dias e mais dias, como uma série de televisão.

Antigamente sonhava sonhos que esquecia no primeiro instante. Ficavam na noite. Costumava responder aos que me perguntava que sequer sonhava. Alguns se misturavam com o cotidiano e, até descobrir que tinha sido sonho, permaneciam como coisa real. Sonhava que cavava buracos nos terrenos enlodados, as mãos ficavam pretas sujas da terra molhada, para no fim alcançar algumas moedas antigas, como as que meu pai colecionava.

Outro sonho que se repetia amiúde era o que eu chamava *estrada de ferro*. Sempre surgia já caminhando por extensos trilhos, pulando de dormente em dormente até chegar numa ponte sobre um rio. Em algum momento um

trem se aproximava velozmente, mais outro, mais outro, mesmo que saltasse para a via lateral, lá vinha outro trem numa louca perseguição para me alcançar onde estivesse, até que acabavam as vias laterais e não me restava outra alternativa senão pular no vazio.

Quanto às pessoas é como disse: elas vêm de todas as partes, mesmo de cidades distantes, muitos jamais se encontraram nem jamais se falaram, mas ocupam a sala toda e ficam fumando, conversando, rindo, trocando idéias como velhos conhecidos. Aí que vem na minha cabeça todo o poder que a palavra tem: como encontram assuntos e temas que sustentam a conversa durante horas a fio sem intervalo, conversa que só se interrompe mesmo quando acordo. Se dormisse dias seguidos eles estariam ali, homens, mulheres, velhos, crianças, conversando, conversando.

Uma particularidade é que todo aquele pessoal, que está ligado pelo fato de serem todos meus conhecidos e amigos, se tornam amigos também. Outro detalhe: pessoas entram e saem da reunião como se evaporassem, como se chegassem do nada. De repente o Alberto não está mais ali, agora é Ana que assoma na porta falando alto e, como não bebe nem fuma, põe logo à mão um copo de suco. Por outro lado as crianças passam lépidas, fogem para o quintal e muitas vezes quando voltam reaparecem já adultos, misturando as fases da vida apenas para me confundir mais.

Novamente Anália se levanta minha cama onde me encontra gemendo e soltando urros miúdos como um porco, não sei de quais dores:

- Seu Carlos, seu Carlos...
- O que é Anália?
- Pesadelo, já acordou? Pesadelo...

Desta vez sonhava que assistia ao filme “*Sociedade dos poetas mortos*” pela enésima vez. Estamos naquela cena do campo de futebol e o professor nos dá bolas para chutar. A cada chute o aluno diz uma frase filosófica para se animar e se aprofundar no pensamento. Assim a frase ficará gravada para sempre. Só que em vez de bolas de futebol o que eu chuto é cabeça de gente que não gosto nadinha. Pode achar incrível, mas são todos homens.

Vaidade das vaidades, tudo é vaidade!

Pum! Lá vai a cabeça de tio Eduardo.

A única chance de salvação é não esperar salvação alguma.

E pimba! Desta vez é a cabeça de seu Olympio desferindo uma parábólica.

Aonde impera a solidão, a paz é estabelecida.

Mais um grande ppuuummm! Agora é a cabeça de Bernardo que some no espaço.

Quando os poderosos deliram é o povo que sofre.

Outro enorme e sonoro *pum!!* e a cabeça de Lauro se despedaça em fragmentos invisíveis, vira pó no ar.

Que a salvação do povo seja a Lei Suprema!

Pum! Pum! Pum! Lá se vai um monte de cabeças de políticos que não gosto e gente que não gosta de mim.

Tudo explode no ar como fogos de artifício... mas não me lembro de ter chutado a cabeça de Hitler. Acho que é porque naqueles filmes antigos às vezes ele me parece tão bonzinho, principalmente quando está na presença de Eva, ou de crianças, ou pintando ao ar livre, quando sorri. Sonhos caóticos, como esse, me deixam confuso – como seria de esperar – mas sonho não é para ser entendido. Ou é? Mesmo que consiga deslindar os labirintos dos sonhos, é importante que não me deixe prender por eles. Aí é que ela se mostra importante. Muitas vezes antes da moça de branco chegar já sinto o seu perfume a me rodear. Logo me abraça uma tranquilidade sem fim.

O deserto é fértil. Parece uma frase bíblica e assim que me encontro. No deserto, vestido como um palestino, roupa de algodão fresco sob sol abrasador, cercado de uma multidão. Ouço alguém que fala como um profeta, mais alto que os murmúrios da gente: “*O meu Deus pôs no meu coração que...*” Escurecem as estrelas do crepúsculo matutino, desce a noite. Ainda não consigo entender o que faço ali, ouvindo: “*que ela espere a luz e a luz não venha*”.

As pálpebras dos olhos da alva ainda não se levantaram. É noite e me sinto nascendo, surgindo da porta do ventre da minha mãe. Um regaço que me acolherá, seios para mamar, um repouso tranquilo, mas quem esconderá dos meus olhos a visão de todos os sofrimentos até que meu corpo pouse pacificamente e chegue o descanso? A vida é um sopro onde os males jamais cessam de perturbar o repouso dos cansados.

Ó Espreitor dos homens, por que concedes luz ao miserável e vida aos amargurados que esperam a morte e ela não vem? Por que iluminas o homem cujo caminho vindouro é oculto pela natureza? Nós somos de ontem e nada sabemos sobre os nossos dias sobre a terra, nada sabemos sobre as sombras que acompanham nossos passos. A visão que tenho no deserto é a de um campo sem fim. O sol late nas areias e delas sobressai um leve vapor que torna a vista da gente bamboleante. É miragem, gente que passa, árvores, nuvens, ventos. Tecidos alvos, mantos: é ela que vem e passa sua mão levíssima sobre minha frente e vai...

Entre tais pensamentos e visões noturnas que me visitam sempre que o sono profundo cai, sobrevive o espanto. Tremo. Todos os meus ossos

estremecem silenciosamente quando os espíritos passam diante de mim. Os cabelos do meu corpo se arrepiam como espinhos. Fantasmas, almas que não distingo bem a aparência, vultos que se postam diante de meus olhos como uma tremenda interrogação.

Depois vem um silêncio de calma e acordo pensando se desta vez me cortaram o fio de vida. Imagino se finalmente derreteu-se em mim a dureza da pedra. Será que afinal os olhos que agora me vêm não me verão mais? Cada vez a noite é mais comprida e a manhã demora ainda mais a surgir. Tenho de lembrar sempre que, tal como a nuvem se desmancha rapidamente, tal como o vento passa amarfanhando as folhas das árvores até se curvar na estatura da terra, aquele que desce à sepultura jamais tornará a subir.

Quase não percebo a voz de Anália. Ela se levanta e vem à minha cama onde me encontra gemendo. Tenta me acordar e não consegue. Sua voz está sonolenta, deve ter tomado aqueles comprimidos para dormir. Parece até desesperada:

– Seu Carlos, ô seu Carlos, por favor...

– Hhhhuuummm?

– Pesadelo, esse danado.

De novo? Antes de saber se estou desperto ela volta para o seu quarto, vencida pelo sono do remédio calmante. Volto ao elevador. Estou chegando a casa e percebo que uma vizinha também se apressa para pegá-lo. Espero. É Carla, filha do meu vizinho que tem uma firma de comércio exterior. Já a conheço, porque me consultou sobre alguns detalhes referentes à exportação. Está vestindo uma calça cinza e uma blusa branca de cânhamo, aparada por franjas que vão até a cintura. Conversamos um pouco, ela diz que está de mudança do prédio. Vai para outro bairro, distante, provavelmente jamais nos veremos. Quando chegamos no 3º andar é hora dela descer. Hesito se devo falar-lhe, quando o elevador abre as portas. Rapidamente dirijo-lhe a palavra: “Tem um minuto?” Ela diz que sim e fica me ouvindo.

“Há um tempo atrás eu costumava sair cedo a caminho do trabalho. Invariavelmente cruzava com uma garota que passava apressada, ofegante, vinda da academia de ginástica. Habituei-me a esse encontro casual e ficava triste quando ele não se realizava. Ao contrário, quando nossos olhares se cruzavam o dia sorria para mim. Repetia para mim mesmo: Hoje meu dia vai ser bom...”

Disse isso e fechei as duas mãos sobre seus olhos, imitando uma tela de cinema. Ela sorriu, compreendeu quem era a pessoa.

“Interessante, disse, quero saber a continuação dessa história...”

“A continuação é pornográfica!” *Disse sorrindo...*

Com essa resposta, fechei a porta do elevador para seguir. Sorrimos um para o outro um sorriso cúmplice. Antes da porta do elevador fechar a vi entrando no apartamento. Como estava um lusco fusco de corredor a sua visão me pareceu mais um nuance que uma pessoa viva mesmo. Nunca mais a vi, nem sei se esse encontro ou os demais aconteceram de fato. Quem será aquela mulher que eu cruzava diariamente pela manhã? E quem seria essa pessoa parecida comigo que ansiava aquela mulher?

Como era mesmo o nome dela, da pessoa real que eu confundia com outra? Célia. Sim, era Célia. Talvez tudo se limite ao espaço atemporal dos sonhos, mas a verdade é que o sorriso e o olhar eram os mesmos. O sorriso de Célia era único, o olhar de Célia era singular, como o olhar dos sonhadores. Para dizer a verdade, todo o seu corpo cabia no olhar, toda a sensualidade de seu corpo marcado pela ginástica da academia esplandecia no olhar.

– Seu Carlos, ô seu Carlos, bom dia, mas por favor, vê se controla esses pesadelos. Sabe que a vizinhança já está reclamando? Eu não agüento mais acordar no meio da noite...

– Ô Anália, dá um tempo, tá? Não sabe que é esse remédio que estou tomando que me traz sonhos que nem quero ter?

– Mas seu Carlos, que sonho nada, é pesadelo mesmo. E que remédio danado é esse que em vez de curar dá é dor de cabeça?

Anália vê tudo simplesmente. Por isso dou uma explicação vaga e encerro o assunto, não sem antes ouvir: “Acho que o senhor tem é de procurar uma mãe de santo”...

Que sei eu também do que acontece na cabeça da gente? Nosso cérebro é um mistério até para quem sabe que o conhece muito bem. Cientistas, médicos, pesquisadores, todos esbarram num labirinto toda vez que tentam avançar no conhecimento da alma: o cérebro é uma alma! Por isso vou suportando os sonhos sem tentar entendê-los...

Estou num pequeno terraço. Um banco, no qual estou sentado, um jardim menor ainda. Não sei se leio um livro, mas é provável que sim. Esse sonho sempre reaparece o mesmo, o mesmíssimo. Uma mulher me abraça por trás. Terna, faz carícias amorosas, sorri, me diz palavras de amor, carinhosas. Mas agimos como se estivéssemos fazendo alguma coisa proibida, com medo de ser surpreendidos. Por isso ela está sempre invisível aos olhos. Ela não é vista, mas a sua sombra aparece no chão, ao lado da minha. Faço-a ver: Olha a tua sombra, vão acabar nos descobrindo. As duas sombras aparecem claramente no chão. Ela ri mais ainda e suas carícias se acentuam.

Eu com medo, ela livre, amando, correndo em volta de mim. Que nada, bobo, ninguém me vê! E como sempre acabamos fazendo amor ali mesmo, num lugar público. As pessoas passam mas não percebem nada. Eu continuo com um medo danado de ser surpreendido. Parece que tenho medo de ser reconhecido por alguém que irá me denunciar à minha mulher, meus filhos,

vizinhos. No sonho serei casado? Quem será essa mulher que nos sonhos não reconheço? Só sei que é branca, muito branca, a pele alva cheia de sardas, é magra, leve, bonita, sim. Faz em mim as coisas que mais gosto, tem a liberdade que eu queria ter, vem e me ama como ela quer.

Tenho certeza que estou amando essa mulher, mas quem será? Quem terá sido? É alguma pessoa do passado ou será o futuro? Quando acordo, me sinto também mais feliz. Sem explicações aceito-a como sempre aceitei todos os meus amores. E procuro manter a felicidade até que o mesmo sonho volte, cedo ou tarde.

QUEM PODE SABER?

Quem pode saber quando a morte chega? Preciso contar isto. Desde uns tempos para cá tenho sido acordado de madrugada ouvindo pancadas na porta. Levanto-me e vou ver se é alguém que saiu sem levar chave (isso acontece muito com Patrícia, que prefere bater na porta porque sabe que acordo mais tardar na segunda batida, em vez de tocar a campainha e despertar todo mundo e dessa maneira só eu acordava).

Enfim, vou até à porta, espio pelo olho mágico e não há ninguém. Geralmente eu me deito de novo e volto a dormir. Ultimamente até nem mais perdia tempo para ver se havia alguém: ficava na expectativa de ouvir uma nova batida para levantar. Como não acontecia nada, voltava a dormir.

Da última vez que isso aconteceu (foi agora em janeiro), despertei e em vez de ir até à porta fiquei pensando no que estava acontecendo. O que significava essa batida? Que porta era essa? Quem e por que batiam na porta? Aí pensei muito e eu mesmo concluí que a porta é a minha porta. Uma porta que está fechada. É a porta da minha vida. A porta da minha vida está fechada.

Eu mesmo fechei a porta da minha vida. Algum dia, por algum motivo. eu mesmo fechei a porta da minha vida. deixei muitas coisas de fora. E agora os meus amigos. os que me conheceram alegre. brincalhão, feliz e sempre com uma perspectiva positiva de tudo que a vida traz. mesmo nos momentos mais difíceis. agora as pessoas que me amam estão batendo na porta. mandando um sinal para que eu abra de novo a porta da minha vida. e deixe entrar tudo aquilo que tive juntado comigo todo tempo. Eu mesmo abrirei a porta da minha vida.

Jamais pensei em maldade ou que fosse outra gente que tivesse feito isso comigo. Fui eu mesmo que fiz essas coisas. Eu que sou o dono da minha vida e da minha porta. Depois de pensar isso tudo e refletir ali deitado enquanto a manhã chegava, eram 4 horas da madrugada, pouco mais já começava a clarear.

Na próxima vez que eu ouvir as pancadas na porta – pensei comigo mesmo – mesmo sabendo que não haverá ninguém, abrirei a porta bem escancarada e deixarei entrar tudo de bom que sempre tive, tudo que, por minha própria natureza, sempre me pertenceu.

Não vou deixar mais fora de mim a alegria, não serei um carregamento de tristeza, vou namorar de novo a esperança, pensar as coisas boas que sempre pensei e, principalmente, vou acreditar que, apesar de tudo, existe a felicidade para ser usufruída. Foi isso que pensei...

[Oito horas da manhã. Está a Quarta Sinfonia de Mahler para ser ouvida. Da janela vejo no quintal do vizinho uma pata e sua ninhada. Dois pintos foram chocados entre os patinhos. Eles não largam à mãe-pata e andam em fila indiana atrás dos patinhos. Será que vão se recusar a nadar no tanque de

água?... Lembro-me de separar alguns discos que comprei para Pedro, o Músico. Aproveito para escrever:]

Puxa! Agora me lembro que tenho de fazer algumas perguntas a Pedro (e algumas respostas em forma de perguntas ou em forma de poemeto *imusicável*, para que ele não se anime a solucionar as coisas). Senão tudo estará perdido. Então vamos lá.

Pedro, Qualquer tonalidade baixa é *anti* ou *contra*?
 O baixo e contrabaixo são música ou contra música (anti-música)?
 Idem, idem, significa ritmo ou contra-ritmo (anti-ritmo)?
 Idem, idem, idem, podem ser harmonia, contraponto ou contra (anti) ambos?
 Existe um *solo* de tons baixos?
 Estes são os instrumentos de sons *baixos*?
 Metais: tuba, trompa, trombone?
 Madeiras: sax baixo, fagote?
 Cordas: contrabaixo, violoncelo?
 Percussão: tambores, canhões?
 E agora? Pode-se transpor para o dia a dia da vida?
 Quais são os sons baixos da vida?
 Toda anti-vida é um som baixo?
 O *baixo* da vida é o sofrimento (anti-vida)?
 Idem, idem, é o ato de cair ou o fato de levantar-se a cada queda (anti-ritmo)?
 Sofrer, cair, levantar-se dolorido é contraponto, harmonia?
 Perder (alguém, algo)? A sensação de perda é? Sofrer (dor, queda)?
 Sofrer por outro (outrem)?
 Ver tudo negativo (destruição, fome, guerra)?
 Ruído de bomba, tiro, canhão, tambor, tuba?
 Qual o *solo* musical da vida?
 As imagens transportam a dor, a cor?
 O som transporta o *solo* da vida?
 Existe um ritmo na vida?
 Um *bip*, uma linha?
 [Como o sinal eletrônico do coração paralisado?-----
 ---Pppppp[iii].

Dever de casa: compor um gráfico de qualquer música. Idem, idem de qualquer exemplo de vida. Comparar o resultado. Concluir: a vida pode ser também um gráfico sonoro? (introdução, desenvolvimento – improvisos, variações livres [intromissão de elementos alienígenas, maléficos, demoníacos] – fecho)?

Concluir outra vez: a vida é um tema contínuo? A permanência na lembrança é o vetor da eternidade? Concluir mais uma vez: a alma tem som? (alto, baixo, inaudível)?

CARLO PORTINHO, CANTOR

Quando reencontrei Carlos Alberto, quase vinte anos depois da última vez que o vi, descobri que atualmente era Carlo Portinho, cantor. Fazer o quê? Como o sobrenome não havia mudado, passei a chamá-lo de Portinho e pronto. Eu estava sozinho tomando um chope no Bar Amarelinho, centro do Rio de Janeiro, mais precisamente na Cinelândia, depois de um dia quente de verão.

Não havia mais tantos cinemas nem teatros que outrora deram nome e fama ao lugar, mas sobrevivia a lenda de que "os artistas se reuniam no Amarelinho". Dois últimos teatros ainda funcionavam, mas se limitavam a apresentar shows musicais, peças de temas picantes, eróticos, sexuais e heterossexuais. Agora, em vez do chope e do charuto, os atores, cantores, músicos, humoristas, saíam da função direto para enfrentar outros compromissos noturnos, onde complementavam os recursos para sobreviver.

Ninguém mais saía do teatro ou do cinema para o Bar Amarelinho, a não ser a gente solitária, os casais ou grupos de amigos para tomar chope, um conhaque, um caldo afamado pelos poderes afrodisíacos. Eu era um desses e a turma de homens e mulheres que fazia a mesa onde estava Portinho era uma daquelas. Quando cruzamos o olhar deu-nos, simultaneamente, aquela impressão "de já conhecer". Durou um tempo até que eu resolvi puxar conversa e de novo nos identificamos entre tapinhas e abraços, trocamos telefones, coisas assim.

Depois desse reencontro natural nos veríamos muitas vezes. Portinho me convocava a cada apresentação que ia dar numa casa noturna. Juntava-me a vários amigos deles que formavam uma mesa de fãs entre aplausos e exigências de músicas especialmente interpretadas. O grupo era variado e foi crescendo sempre. Era gostoso fazer parte de um grupo de amigos que confiavam as alegrias e mazelas entre si. Foi num desses encontros que Portinho conheceu Isolina.

Não importa saber em que meandros funcionam os itinerários de uma memória que não cabe em mim. Fica complicado. Depois, o que encontrei agravou-se ante o meu desconhecimento sobre o que significa *além do conhecimento*. É essa aproximação físico-espiritual, provocada pelo encontro cara a cara, o conhecimento boca a boca, a fala íntima no ouvido, tudo funcionando como um rito. O conhecimento imediato acaba penetrando pelos poros, os lábios se espalham pelos dentes, as línguas se unem, o sabor da saliva é reconhecido mutuamente. E aí vem o milagre das emoções, temperos diferentes que se harmonizam.

Quando as faces se tocam, quando a pele é aplainada pela ponta dos dedos em toda a extensão, principalmente, quando o sal reage a qualquer dessas situações. Não é a mesma visão traduzida pela distância e sim essa química insolúvel que às vezes apavora aos desavisados. Uma proximidade tão íntima quanto à hora da morte. Mas ali, naquele momento em que dois

amigos se reencontram após uma longa separação, trazendo no rasto a presença da mulher que vai atravessar-lhes o destino como uma adaga trespassava o corpo dos sacrificados, quem saberia?

O *bagre desesperado*. Era assim que Portinho chamava o bagre que eu pegava primeiro, antes mesmo dele, quando íamos pescar às margens da enseada de Botafogo, na época da construção do Aterro do Flamengo. A parte do aterro entre a praia do Flamengo e a margem da enseada de Botafogo ia se transformando num terreno entulhado por toneladas de pedra e barro do Morro de Santo Antônio, empurrada mais para dentro, diminuindo o espelho d'água. O *bagre desesperado* vinha com a chegada da maré, faminto, ansioso, jovem demais para desconfiar de um anzol com pedaço de tripa de galinha .

Por isonomia, eram também *bagres desesperados* os notívagos que se atiravam à caça de prazeres, bebiam sem parar, conversavam loucamente, pegavam qualquer parceiro, sem preconceito de sexo ou idade, mulher, bicha, travesti. Ou se limitavam a fazer amigos que tivessem capacidade e paciência para ouvi-lo horas e horas. *Bagre desesperado* era o notívago que odiava a luz do dia, o sol, que só freqüentava programas diurnos em última instancia, pelo prazer de um almoço exótico, feijoada, caranguejada, mocotó, coisas assim. E qualquer deles bem acompanhado de parceiros, mulheres, amores, música, violão e muita conversa, que se infiltraria noite adentro para repetir as mesmas cenas.

Os pescadores de fim de semana aproveitaram muito essa época, sentados nos pedregulhos de granito à beira mar, pescando na ponta da linha curvinotas, pescadinhas, cocorocas e sempre um bagre desesperado. Mais valia o encontro de amigos, o bate papo, as bebidinhas, do que propriamente pescar. Pois foi assim: como o *bagre desesperado* se atira ao primeiro anzol que aparece, que Portinho se entregou aos abraços de Isolina. Era uma loura na moda, tipo Marilyn Monroe, cintura acentuada, quadris arredondados, fala anunciada, sempre alegre, arremessando vastos risos no ambiente.

Para dizer a verdade, Isolina também se atirou. Primeiro apaixonou-se pela voz de Portinho, que se aproximava à de Altemar Dutra. Por isso repetia-lhe o repertório nas casas noturnas que freqüentava. Assim de namoro à primeira vista, Isolina deixava os olhinhos verdes se denunciarem em brilho a cada apresentação do cantor. Para Portinho foi uma boa, um ponto de equilíbrio, já que a companheira se adaptou rapidamente à vida da noite. Tinha só 18 anos, mas parecia já conhecer tudo e fazia amizades rapidamente. Para ele esse era um ponto positivo, as amizades são necessárias para arranjar as coisas e conseguir um orçamento capaz de agüentar a profissão.

Você poderá se sentir deprimido nos relacionamentos afetivos e tentando tomar decisões drásticas, mas o astral geral está positivo e os acontecimentos acabarão por lhe favorecer. As pessoas ao seu redor ficarão encantadas. Também a sua habilidade para ganhar dinheiro fica em alta. Há momentos de romantismo e generosidade. Esta é uma boa fase para os solitários aumentarem o círculo de amizade. Pessoas novas, interessantes, poderão cair na sua rede, algumas muito cheias de si e até arrogantes, mas

bastante confiáveis. Reaja contra isso através do senso de humor, não para criticar ou rir, mas para perceber o quanto é um atraso de vida a importância que damos a pequenas coisas. Tempestades.

Isolina parecia elétrica e se atirou na vida noturna com fome e sede. Também tirava seus proveitos, fazia outras amizades não necessariamente no interesse de Portinho. Aprendeu rápido e em pouco tempo tinha suas economias, além de racionalizar o dinheiro do parceiro. Tinha ligações com gerentes de banco, diretores de lojas, corretores, gente enfim que daria um apoio necessário às suas necessidades de manter o dinheiro bem aplicado e ativo. Nas compras explorava ao máximo esses contatos noturnos. Ao vê-la agir de maneira desenvolta Portinho não pensou uma só vez que tinha tido muita sorte em encontrar Isolina e tê-la como companheira. Além disso não ia sua imaginação, leve e solta, desimpedida e descompromissada, pensava, ou melhor, *não pensava*, como a maioria dos cantores e músicos que trabalham de noite.

Volta à sua memória a idéia de que é importante ter um mínimo de conforto e segurança material na vida. Aproveitar esse período, que é mais incisivo. Você estará querendo romance e muita aventura, mas a pessoa amada pode parecer um pouco fria: não se preocupe nem desespere.

Sentimentos variados, estado emocional que se altera ao sabor do tempo, falta de concentração e de interesse. Se não conseguir mesmo se concentrar diminua o ritmo, descanse bem à noite, tome um antidepressivo, amanhã você acordará novinho em folha. Esses eram temas que jamais passariam na cabeça de Portinho...

Isso dá ao momento uma fase de muita insegurança emocional, uma carrada de apegos e insegurança emocional, cobranças indevidas, maldades, pequenos ódios. Não perca tempo olhando para trás nem tente entender o que houve. Neste momento você estará fazendo um balanço, re-avaliando cruamente suas conquistas, o seu comportamento. É claro: você nunca foi nem será perfeito, porém nada de culpas premeditadas.

Faça com seu dia seja o mais leve possível, tendendo a realizar tudo com prazer e alegria de um modo geral. Pode surgir uma inquietação, assim do nada, aumentando um enorme desejo de se divertir a todo custo. Tudo bem, mas evite atirar-se cegamente em buscas de emoções intensas demais. Nunca é tarde para dar uma paradinha...

O Autor: Salomão Rovedo (1942), formação cultural em São Luis (MA), desde 1963 reside no Rio de Janeiro. Participou de vários movimentos poéticos nas décadas 60/70/80.

Publicados: Abertura Poética (Antologia), Walmir Ayala/César de Araújo-CS, Rio de Janeiro, 1975; Tributo (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1980; 12 Poetas Alternativos (Antologia), Leila Mícolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1981; Chuva Fina (Antologia), org. Leila Mícolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1982; Folgedos (Poesia/Folclore), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed. dos AA, Rio de Janeiro, 1983; Erótica (Poesia), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed. dos AA, Rio de Janeiro, 1984; Livro das Sete Canções (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1987
Inéditos: Liriana (Contos), O Breve Reinado das Donzelas (Contos), Estrela Ambulante (Contos), O Pacto dos Meninos da Rua Bela (Contos), Ventre das Águas (Romance), Poesia de Cordel - O Poeta é Sua Essência (Ensaio), O Cometa de Halley e Outros Ensaio (Artigos Publicados em Jornais), (Poesia): Pobres Cantares, 20 Poemas Pornôs e 1 Canção Ejaculada, Glosas Escabrosas (Xilogravura de Marcelo Soares), Blues Azuis & Boleros Imperfeitos, Ventre das Águas, Amaricanto, Viola Baudelaireana e Outras Violas, Templo das Afrodites, Amor a São Luís e Ódio, Anjos Pornôs, Macunaíma em Cordel.

Outros: Publicou folhetos de cordel como Sá de João Pessoa; Publicou o jornalzinho de poesia Poe/r/ta; Colaborações: Poema Convidado (USA), La Bicicleta (Chile), Poetica (Uruguai), Alén (Espanha), Jaque (Espanha), Ajedrez 2000(Espanha), O Imparcial (MA), Jornal do Dia (MA), Jornal do Povo (MA), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates (RJ), Opinião (RJ), O Galo (RN), Jornal do País (RJ), DO Leitura(SP), Diário de Corumbá(MS) ...E outras ovelhas desgarradas, principalmente pela Internet...

Endereço: Rua Basílio de Brito, 28/605-Cachambi
20785-000-Rio de Janeiro Rio de Janeiro Brasil
Tel: +55 21 2201-2604

